

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Estamos sempre em equilíbrio, mas será esse o equilíbrio que desejamos?

A relação mística entre discípulo e Mestre

O segredo por trás do Sermão da Montanha – parte 2:
Não resistam ao mal

A astrologia pode prever o futuro?

LEIS e leis
Como traduzimos as Leis cósmicas em leis humanas?



Ilustração da capa:

O Buda está ensinando seus discípulos. Gandhara, séculos II-III d.C.
Fonte: Museu Etnológico, Berlim.

**Interessado em nossas
palestras?**

assista-as em nosso
canal no YouTube:

[@theosophicalsociety-tspl](https://youtube.com/theosophicalsociety-tspl)

As três proposições fundamentais da Teosofia

Por mais abrangentes que sejam os ensinamentos teosóficos, eles se baseiam em três proposições fundamentais. Para uma compreensão adequada da Teosofia, é necessário considerá-las cuidadosamente.

A primeira proposição fundamental: Ilimitabilidade

*Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, pois transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou similitude humana. (...) Uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado.**

E, embora desconhecida, essa realidade absoluta é a base de toda a vida.

A segunda proposição fundamental: Ciclicidade

*A Eternidade do Universo in toto em sua totalidade como um plano sem limites; periodicamente 'o cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente', chamados de 'as estrelas que se manifestam' e as 'centelhas da Eternidade'.**

Todos os seres são 'centelhas da eternidade' imperecíveis, passando alternadamente por fases de vida ativa e descanso interior (sono ou morte), em um processo cíclico incessante.

A terceira proposição fundamental: A equivalência essencial de toda vida

*A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última, por sua vez, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da primeira - através do Ciclo de Encarnação (ou 'Necessidade') de acordo com a lei cíclica e kármica, durante todo o período.**

A mesma Vida Única flui através dos corações de tudo o que existe. Tudo está vivo. Não há matéria morta. Portanto, tudo é essencialmente igual. Tudo possui latente as mesmas faculdades que o todo maior do qual faz parte (Alma Suprema) e gradualmente desdobra essas faculdades inerentes, reincorporando-se constantemente (segunda proposição). Esse crescimento da consciência sempre ocorre em interação e é ilimitado (primeira proposição).

* Fonte: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume I, p. 43-47 (paginação edição original).

Para mais explicações, consulte nosso website:
blavatskyhouse.org/about-us/what-is-theosophy/

Editorial

página 74

Estamos sempre em equilíbrio, mas será esse o equilíbrio que desejamos?

página 75

O karma é a grande lei do equilíbrio dinâmico. Que conclusões importantes podemos extrair disso? Se não estamos satisfeitos com o equilíbrio que criamos, como podemos conferir a esse equilíbrio um caráter diferente e mais nobre?

Herman C. Vermeulen

A relação mística entre discípulo e Mestre

página 80

Os grandes Sábios sempre educaram discípulos em suas Escolas de Mistérios. Quem eram esses discípulos? E o que tornava sua relação mística?

Bouke van den Noort

O segredo por trás do Sermão da Montanha – parte 2

Não resistam ao mal

página 90

Na Parte 1 desta série, o foco foi nas Bem-aventuranças. Este artigo mostra que a ética do Amor Universal e da não-violência está intimamente ligada ao karma. Ao contrário do que muitos pensam, trata-se de uma ética muito prática.

Barend Voorham

A astrologia pode prever?

Sobre astrologia, parte 5

página 95

Os astrólogos de hoje podem fazer previsões confiáveis? O que, de fato, determina nosso futuro? E quão útil é ter algum conhecimento prévio sobre eventos futuros em sua vida?

Grupo de estudo



Reflexões fundamentais sobre a astrologia

página 102

Na revista *Lúcifer*, publicamos uma série de cinco artigos sobre os fundamentos teosóficos da astrologia. Este artigo tem como objetivo ajudar todos os leitores a formar uma visão geral coerente sobre o assunto.

Grupo de estudo

LEIS e leis

Como traduzimos as Leis cósmicas em leis humanas?

página 104

Existe uma relação entre as Leis cósmicas e as leis humanas? E podemos elevar nossas leis humanas a um nível superior ao estudar as Leis cósmicas? E o que acontece quando os governos não cumprem suas próprias leis? Este artigo procura responder a essas perguntas.

Barend Voorham

Perguntas e respostas **p. 109**

- » Como se cultiva as qualidades nobres em uma criança?

Agenda

p. 111

- » Simpósio em Lisboa
- » Conferências Internacionais de Teosofia (ITC)
- » Curso Sabedoria Universal

Editorial

Nossa época parece viciada em violência. Mesmo que você apenas dê uma olhada rápida nos jornais, se depara com todos os tipos de violência, desde lutas em jaulas e crimes violentos até guerras que causam centenas de milhares de vítimas. Como podemos acabar com essa violência?

Há vinte séculos, já nos ensinaram como fazer isso. Isso está explicado no segundo artigo do *Sermão da Montanha*. Nunca resista ao mal com o mal. A lei do karma, que está inegavelmente entrelaçada com esse princípio ético, deixa claro que essa é a única maneira de quebrarmos o ciclo da violência.

A lei do karma é uma chave muito importante para a ética. Como toda causa sempre leva a uma consequência de natureza semelhante, estamos sempre em equilíbrio. Mas será esse o equilíbrio que queremos? O artigo *‘Estamos sempre em equilíbrio’* traz a resposta.

O karma não é a única lei universal. Existem outras leis cósmicas. Como elas se relacionam com as leis humanas destinadas a garantir uma sociedade justa? O artigo *‘LEIS e leis’* lança alguma luz sobre isso.

Nesta edição da revista *‘Lúcifer, o Portador da Luz’*, você também encontrará o quinto artigo sobre astrologia. Ele explora se a astrologia pode nos ensinar algo sobre o futuro. Além disso, levanta-se a questão de se realmente faz sentido conhecer o futuro.

Após esse artigo, é apresentada uma visão geral coerente dos cinco artigos sobre astrologia que publicamos em nossa revista.

O artigo sobre o Sermão da Montanha é, na verdade, um exemplo de como um Mestre instrui seus discípulos. Ao longo dos tempos, os grandes sábios das Escolas de Mistérios sempre ensinaram seus discípulos de acordo com princípios muito antigos. Quem era elegível para tal instrução? E por que a relação entre discípulo e Mestre é tão especial? O artigo *‘A relação mística entre discípulo e Mestre’* explora esse tema em profundidade.

Por fim, em nossa seção de Perguntas e Respostas, respondemos à pergunta sobre o que envolve a educação teosófica.

Aqueles que estudarem cuidadosamente os artigos desta edição da *Lúcifer* perceberão que a violência tão característica do nosso mundo atual pode ser transformada em paz. Um mundo pacífico e justo não é uma utopia. Para alcançá-lo, porém, devemos transformar nosso pensamento e nossas ações e, com base em um senso de unidade, desenvolver uma mentalidade compassiva.

A equipe editorial da *Lúcifer, a Portadora da Luz* considera isso seu objetivo maior.

Aguardamos seus comentários e perguntas. Respondemos a todos os e-mails.

Os editores



Estamos sempre em equilíbrio, mas será esse o equilíbrio que desejamos?

Ideais-chave

» O karma, a Lei da causa e efeito, também pode ser chamado de grande Lei do equilíbrio. O poder da Natureza, ao reagir ao impacto de nossa energia, estabelece um equilíbrio. Mas nem sempre ficamos satisfeitos com esse equilíbrio. No entanto, trata-se de um equilíbrio que nós mesmos construímos e que reflete quem somos naquele momento.

» O desafio consiste em aprender imediatamente com os pequenos sinais — as pequenas forças contrárias que experimentamos — e restaurar a harmonia.

» Nós mesmos devemos fazer algo se quisermos mudar a situação em que nos encontramos. Ascender a planos superiores em nossa consciência significa que devemos superar todos os desequilíbrios nos planos inferiores. Precisamos enobrecer nossos aspectos inferiores.

» Por meio de nossos pensamentos, estamos constantemente influenciando o equilíbrio. Pensar, portanto, não é isento de consequências.

O karma é a grande lei do equilíbrio dinâmico. O que queremos dizer com isso? E que conclusões importantes podemos tirar disso? Se não estamos satisfeitos com o equilíbrio que criamos, como podemos conferir a esse equilíbrio um caráter diferente e mais nobre?

O karma, a lei de causa e efeito

O karma é uma das leis mais conhecidas da Teosofia, a Sabedoria Universal. Nas tradições de sabedoria orientais e também em muitas outras tradições, é um conceito familiar: a lei de causa e efeito.

Evidentemente, o karma também se tornou um termo popular no Ocidente nos últimos 100 a 200 anos: essa palavra é usada em quase todas as línguas e consta em muitos dicionários ocidentais. Se ela é usada no sentido correto, é uma questão válida. Tornou-se tão popular que muitas pessoas a utilizam como um chavão quando algo inesperado lhes acontece: então é ‘meu karma’ ou, no caso de outra pessoa, ‘seu karma’. Muitas vezes, é sinônimo de: ‘Não sei por que isso está acontecendo comigo.’ Mas podemos dizer que no Ocidente — e, infelizmente, em muitas outras culturas também — o karma perdeu grande parte de seu significado, ou talvez nunca *tenha tido* um significado mais profundo, desde o início.

A palavra ‘karma’ representa uma

percepção, uma lei universal. Se realmente compreendêssemos essa lei universal, nos comportaríamos de maneira diferente em muitos casos. Veja o artigo ‘Forçamos as pessoas ao egoísmo? — Sim... mas deixe-me explicar por quê’ na *revista Lúçifer — o Portador da Luz*, de julho de 2025.⁽¹⁾ A explicação mais conhecida da palavra é a *lei de causa e efeito*: toda ação tem uma consequência. Toda consequência que vivenciamos tem uma causa. Todo evento, tudo o que acontece, é o resultado de uma ação realizada anteriormente.

Essa é a explicação mais simples que conhecemos. Essa forma de pensar também é seguida na ciência. Por meio de pesquisas, os cientistas tentam determinar causa e efeito. Eles querem encontrar a causa de cada fenômeno, para poder registrá-la em uma fórmula.

Mesmo essa explicação simples do conceito de karma pode nos dar muito o que pensar. Ela nos incentiva a refletir sobre as ações que realizamos, pois percebemos que uma consequência se seguirá. Muitas vezes,

conhecemos essa consequência também: se quebrarmos um ovo em uma frigideira e o fritarmos, sabemos que obteremos um ovo frito. Mas, infelizmente, muitas pessoas ainda não estão convencidas de que essa mesma lei se aplica a todas as áreas.

Encontramos uma explicação muito mais completa do karma no *Occult Glossary* de G. de Purucker:

Trata-se de um substantivo derivado da raiz kri, que significa ‘fazer’, ‘criar’. Literalmente, *karman* significa ‘fazer’, ‘criar’, ação. Mas, quando usado em sentido filosófico, tem um significado técnico, e esse significado técnico pode ser melhor traduzido para o inglês [português] pela palavra ‘consequência’. A ideia é a seguinte: Quando uma entidade age, ela age a partir de dentro; ela age por meio de um gasto, em maior ou menor grau, de sua própria energia inata. Esse gasto de energia, esse fluxo de energia, ao impactar o meio circundante, a Natureza ao nosso redor, provoca nesta última talvez uma reação ou repercussão instantânea ou talvez retardada. A Natureza, em outras palavras, reage contra o impacto; e a combinação desses dois elementos – da energia agindo sobre a Natureza e da Natureza reagindo contra o impacto dessa energia – é o que se chama de Karman, sendo uma combinação dos dois fatores. O Karman é, em outras palavras, essencialmente uma cadeia de causalidade, que se estende até o infinito do passado e, portanto, está necessariamente destinada a se estender até o infinito do futuro. É inevitável, pois está na Natureza universal, que é infinita e, portanto, onipresente e atemporal; e, mais cedo ou mais tarde, a reação será inevitavelmente sentida pela entidade que a provocou. (...)

O Karman não é, em nenhum sentido da palavra, fatalismo, por um lado, nem o que é popularmente conhecido como ‘acaso’, por outro.⁽²⁾

Para uma compreensão mais profunda, destaquei alguns princípios em negrito acima. Vou aprofundar esses princípios para chegar a um quadro o mais preciso possível. Somos, portanto, o resultado de uma série infinita de causas e efeitos, de ações e reações. Por meio de nossas reações, as consequências, por sua vez, servem como causas, e assim por diante. A maneira como reagimos às consequências que enfrentamos determina se rompemos ou não uma cadeia auto-repetitiva de ação e reação: fazemos isso saindo de nossos padrões habituais e encarando a situação de maneira diferente.

Um olhar mais atento ao karman: a grande lei do equilíbrio

Se lermos o texto acima com atenção, perceberemos que ação e reação – a energia da ação pessoal e a energia da reação da Natureza a ela – mantêm um equilíbrio. Pois, seja qual for a situação em que nos encontremos, ela é sempre o resultado exato do que fizemos. Portanto, trata-se do equilíbrio entre nossa própria ação e a reação do ambiente que nos rodeia. Na verdade, é assim que tudo se mantém em equilíbrio. Se não fosse assim, teríamos uma situação altamente desequilibrada, pois nossas ações não seriam seguidas pelas reações correspondentes, que são necessárias para que possamos aprender.

O poder da Natureza mencionado acima, que por meio de sua reação fornece uma força contrária à nossa ação, promove um equilíbrio. Esse equilíbrio ocorre não apenas no plano externo, mas também nos outros planos do nosso ser onde atuamos, como o plano mental. Como provavelmente já sabe, a Teosofia costuma utilizar um modelo tripartido. Nós, seres humanos, consistimos em uma parte espiritual, uma parte mental e uma parte física: três reinos que atuam em conjunto e nos quais produzimos ações e reações. Deve ficar claro que essas três partes não estão separadas umas das outras: elas estão inextricavelmente ligadas e influenciam-se mutuamente. Portanto, não devemos considerar apenas a parte física ou aquela que se manifesta de forma perceptível. O reino mental é, na verdade, muito mais importante.

Dois conceitos importantes podem ser extraídos disso. Há *sempre* um equilíbrio por meio da ação e da reação, entre o homem e a Natureza. E esse equilíbrio por meio da ação e da reação se aplica simultaneamente em múltiplos reinos da consciência.

Mas nem sempre ficamos satisfeitos com esse equilíbrio, pois ele não atende às nossas expectativas pessoais. No entanto, é um equilíbrio que nós mesmos construímos, que *reflete quem somos* naquele momento. Para dar um exemplo: alguém vai para a cama repetidamente muito tarde, porque adora passar tempo com os amigos em um bar. Como resultado, sua resistência enfraquece e ele pega uma gripe. Pegar essa gripe é um estado de equilíbrio que esse homem criou por si mesmo ao ir constantemente dormir tarde, e que o obriga a ficar em repouso.

Se percebermos que o karma, como ‘ação e reação’, é um processo inevitável – algo que ocorre o tempo todo e em todas as circunstâncias – então percebemos que não podemos escapar das consequências. Podemos, no entanto, adiar essas consequências por meio de nossas ações. Mas,

mesmo assim, ninguém não escapa delas: você apenas adia temporariamente as consequências. Isso não é sensato, pois sempre causará consequências adicionais. Como resultado, a situação se torna mais difícil, e as consequências terão um efeito ainda maior. Não aprendemos nada com isso e continuamos a criar as mesmas causas, gerando assim mais das mesmas consequências.

O que entendemos por equilíbrio e harmonia?

À luz do exposto, costumamos falar do *equilíbrio* (derivado do latim, de *aequus*, ‘igual’, e *libra*, ‘balança’) entre ação e reação como um *equilíbrio dinâmico*. Mas esse equilíbrio entre causas e seus efeitos não é o mesmo que um equilíbrio físico ou mecânico (o precursor da balança), tal como era entendido no passado. É muito mais do que isso.

Para explicar isso, recordemos o princípio teosófico: nossa consciência, nosso pensamento, é a força por trás do ser humano exterior. Nossos pensamentos determinam nossas ações. Assim, quando falamos de um equilíbrio dinâmico, devemos considerar, acima de tudo, a(s) característica(s) dos *pensamentos* que levaram às nossas ações externas. Que consequências eles têm? Tenha em mente que o karma, ação e reação, também ocorre nos reinos mentais e não apenas nos reinos físicos. Isso torna a comparação muito mais complicada. A questão, então, é: o que influenciaremos com nosso pensamento no reino *mental*? Nosso poder de pensamento não é contido por paredes ou portas físicas. Sua influência se estende a todos os seres ativos no mesmo reino do pensamento, consciente ou inconscientemente.

Como pensadores, construímos uma *harmonia dinâmica* dentro de nossa natureza composta, em relação ao ambiente do qual fazemos parte. Podemos comparar isso ao seguinte: talvez você já tenha visto uma foto ou um vídeo de uma bola de aço flutuando entre dois ímãs. Essa bola de aço fica suspensa exatamente a uma distância tal desses dois ímãs que se mantém em equilíbrio com as forças exercidas por eles. Se você tentar mover a bola, sentirá uma força contrária que a mantém no lugar.

Podemos chamar isso de equilíbrio dinâmico, ou *harmonia dinâmica*, que envolve nossa natureza tríplice, composta por um aspecto espiritual, mental e físico. O dicionário oferece a seguinte explicação: *harmonia é consonância, o encaixe de elementos que formam um todo agradável; harmonia de cores e formas*. Devemos fazer esta observação, no entanto: o dicionário atribui à palavra harmonia uma conotação positiva, mas também podemos nos encontrar em uma situação que vivenciamos como harmoniosa, mas

que não o é à luz da lei de causa e efeito. Por exemplo, podemos nos sentir bem quando acumulamos muitos bens materiais, mas certamente perderemos esses bens em algum momento. Ou, por exemplo: em um país, a riqueza está muito mal distribuída. Existem os super-ricos e as pessoas que vivem na miséria. Mas essa situação injusta é resultado do fato de que tanto os pobres quanto os ricos, em seus pensamentos e ações, consideram o status quo daquele país como um dado inabalável e não veem necessidade de mudá-lo. O injusto sistema de castas na Índia é um exemplo claro disso.

Como lidamos com esse conhecimento? Quando percebemos que uma reação está por vir – pode-se chamar isso força contrária – essa força contrária da Natureza nos transmite a mensagem de que estamos indo contra a harmonia maior da Natureza. A grande questão é: o que fazemos com esse sinal? Podemos concluir, a partir dessa pequena força contrária, que estamos perturbando o equilíbrio. Então, vemos isso como uma lição importante que nos dá a oportunidade de nos aperfeiçoarmos. Se não nos aperfeiçoarmos e continuarmos no mesmo caminho, a contrapressão aumentará. O preço que devemos pagar para manter essa situação aumentará. Por exemplo, se um colega fizer alguns comentários sobre o seu comportamento, você pode ignorá-los. Então, o problema se torna maior. Você também pode levar esses comentários a sério.

Aí reside o desafio: aprender imediatamente com os pequenos sinais, o leve desequilíbrio, um pouco de desarmonia, e restaurar a harmonia. *Aprender lições* é outra forma de *crescer* — de preferência, *crescimento espiritual*, aprimorando nossas percepções, pensando de maneira diferente. Afinal, nosso pensamento é a base de todas as nossas ações e estabelece os alicerces de quem somos.

Exemplos de equilíbrio, ‘ascensão’ e ‘descensão’

Para entender melhor o conceito de equilíbrio, gostaríamos de dar alguns exemplos práticos. Exemplos podem ser perigosos se interpretados de forma absoluta, mas vamos tentar.

Pense em um balão de ar quente flutuando no ar ou em um mergulhador flutuando na água: ambos são exemplos de equilíbrio. Se quisermos subir, precisamos nos tornar mais leves; precisamos nos livrar de parte do lastro; e, se quisermos descer, precisamos garantir que nos tornemos proporcionalmente mais pesados. O importante é compreender que *nós mesmos* precisamos fazer algo se quisermos mudar a posição em que nos encontramos.

Precisamos, então, estabelecer um equilíbrio diferente. Isso sempre envolve consequências para *todo* o nosso ser composto. Não podemos alcançar uma compreensão mais profunda sem superar parte do nosso apego aos reinos inferiores.

O balão de ar quente e o mergulhador são apenas exemplos. É possível pensar em muitos outros exemplos. O importante é reconhecer que, no que diz respeito ao nosso karma em nosso campo, estamos *constantemente* em equilíbrio. Essa pode ser uma conclusão difícil de aceitar, especialmente se estivermos insatisfeitos com nosso estado atual.

O que, então, devemos fazer para sair desse estado? Fazemos isso tornando-nos mais leves, de uma perspectiva kármica. Isso parece simples, mas muitas vezes não foi por meio de ações deliberadas e conscientes que chegamos a um estado kármico pesado. Isso ressalta a importância de obter discernimento sobre o processo de pensamento e as diferentes características de pensamento de nossa mente, e de monitorar nosso pensamento. Existem muitos recursos teosóficos disponíveis para aprofundar essa compreensão, incluindo nossas palestras públicas e nosso curso *Sabedoria Universal* (consulte página 112 deste edição da revista *Lúcifer*).

Mudanças no equilíbrio kármico nunca acontecem de forma repentina. As reações kármicas não se tornam, de repente, duas vezes mais pesadas. Trata-se de um processo gradual. E aqui está a chave: quais sinais pequenos e sutis deixamos passar?

Uma compreensão mais profunda de nossa situação nos faz perceber que talvez tenhamos muito mais trabalho a fazer do que pensávamos inicialmente. Isso ocorre porque nossa percepção se aprofundou. É um sinal favorável. Vemos mais, mas ainda estamos na mesma situação kármica.

O que acontece se nos tornarmos mais altruístas ou mais egoístas?

Qualquer mudança no equilíbrio atual em que nos encontramos, em nosso karma, traz certas consequências kármicas. Se nos tornarmos mais egoístas, ‘descemos’, por assim dizer, seguindo nosso exemplo do balão ou do mergulhador. Então, nos tornamos mais grosseiros. Se nos tornarmos mais altruístas, ‘ascendemos’: tornamo-nos mais leves, mais espirituais. Neste último caso, construímos um novo equilíbrio em um plano mais elevado e espiritual.

Ascender a planos mais elevados significa que devemos



primeiro ter superado todo desequilíbrio nos planos inferiores. Para manter o controle sobre nossa harmonia, sobre nosso equilíbrio, enquanto *ascendemos* (ou seja, adquirindo mais discernimento, tornando-nos menos egocêntricos), precisamos enobrecer nossos aspectos inferiores. O contrário também é verdadeiro: quando ignoramos nossas percepções e nos tornamos mais egoístas, diminuímos simultaneamente o uso ativo de nossos aspectos superiores, isolando-nos cada vez mais deles. Ambas as mudanças têm consequências importantes para quem somos.

A desvantagem dos exemplos citados acima é que fica a forte impressão de que mudar *a si mesmo* é sua primeira tarefa, mas essa certamente não é a intenção. Pelo contrário: também podemos perceber, à luz da Fraternidade Universal, que, se ajudarmos nosso ambiente – ao qual pertencemos kármicamente – a se aperfeiçoar com nossas percepções mais maduras, alcançaremos então um estado melhor *para todos*. É possível melhorar o estado de equilíbrio mudando apenas a si mesmo, melhorando assim sua posição em relação ao nosso ambiente, ou tentando mudar o ambiente à medida que nossos insights se aprofundam, de modo que todos alcancemos juntos um equilíbrio melhor. Em um de seus artigos, H.P. Blavatsky coloca isso de forma muito simples: *‘Pergunte a si mesmo a cada decisão que tomar: o que isso significa para o todo?’*

Comece pela fonte: o que entra em nosso pensamento e por quê?

Essa questão do equilíbrio kármico é tão antiga quanto a própria humanidade. É por isso que, em todas as manifestações da Teosofia (que é a origem de muitas religiões e sistemas filosóficos), podem ser encontradas diretrizes e fontes de inspiração para nos tornarmos mais adequados, mais espirituais e mais leves, de modo que possamos ajudar os outros de forma mais eficaz.

Pense, por exemplo, nas Pāramitās e nas Quatro Nobres Verdades do budismo, e nos Dez Mandamentos que nos são tão familiares. Se todos comessem a observar o sexto Mandamento, ‘não matará’, o mundo seria completamente diferente; certamente, humanos e animais ficariam muito gratos a nós. Esses conselhos podem ser encontrados em todas as principais religiões e filosofias.

Pensar, portanto, não é algo isento de consequências. Por meio de nossos pensamentos, estamos constantemente influenciando o equilíbrio. Portanto, toda vez que você tiver um desejo ou uma escolha a fazer, pergunte-se o que seus pensamentos significam para o todo maior: que

força estou invocando que, nos reinos mentais, encontrará seu caminho para os pensamentos dos meus semelhantes? Qual irmão mais fraco é influenciado por ela? G. de Purucker descreve as camadas mais profundas do karma nesta citação:

Sua ação [do karma] é infalivelmente justa, pois, por ser parte das próprias operações da Natureza, toda ação kármica pode, em última instância, ser rastreada até o Coração Cósmico da Harmonia, o que equivale a dizer a pura consciência-espírito. A doutrina é extremamente reconfortante para a mente humana, na medida em que o homem pode esculpir seu próprio destino e, de fato, deve fazê-lo. Ele pode moldá-lo ou deformá-lo, dar-lhe forma ou distorcê-lo, conforme sua vontade; e, ao agir em sintonia com as grandes energias subjacentes da própria Natureza, ele se coloca em uníssono ou harmonia com ela e, portanto, torna-se um colaborador da Natureza, assim como os deuses o são.⁽³⁾

Referências

1. Herman C. Vermeulen, ‘Forçamos as pessoas ao egoísmo? – Sim... mas deixe-me explicar por quê’. Artigo em: *Lúcifer – o Portador da Luz*, número 3, julho de 2025, p. 9-103. (Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2025-3.pdf)
 2. G. de Purucker, *Occult Glossary [Glossário Ocultrista]*, 1ª edição. Point Loma, Theosophical University Press, 1933, p. 89-90. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>.)
 3. Ver ref. 2, p. 90-91.
-



Ideais-chave

» Aprender é o desdobramento de faculdades que já estão latentemente presentes no interior

» Por meio da inspiração, da confiança e do próprio exemplo, o Mestre cria o ambiente necessário para que esse processo ocorra.

» Quando a compaixão é o único motivo, o processo de desenvolvimento pode ocorrer de forma acelerada sob a orientação de um Mestre pessoal ou Guru.

» Essa relação mística está intimamente ligada ao próprio Mestre interior dos discípulos, cuja presença ativa deve primeiro se manifestar na consciência deles antes que o Mestre exterior apareça.

A relação mística entre discípulo e Mestre

Os grandes Sábios sempre educaram discípulos em suas Escolas de Mistérios. Quem eram esses discípulos? E o que tornava sua relação *mística*?

Ao longo da história de sua evolução, a humanidade nunca foi deixada à própria sorte. Sempre houve grandes Sábios, Mestres, que serviram como guias, indicando à humanidade a direção para encontrar o conhecimento e a sabedoria dentro de nós mesmos, a fim de alcançarmos nosso desenvolvimento evolutivo da forma mais harmoniosa possível.

Esses Sábios, por sua vez, não estão sozinhos neste esforço; eles nunca agem por conta própria e não surgem do nada. Pois são, na verdade, mensageiros enviados pela Grande Loja da Sabedoria e da Compaixão. Essa Loja é uma hierarquia espiritual composta por uma cooperação de seres nobres, Bodhisattvas e Buddhas que alcançaram sabedoria e conhecimento supremos, não para si mesmos, mas para transmitir essa sabedoria à humanidade. Por compaixão, eles se voltaram para trás no Caminho Interior, sacrificando seu próprio progresso para ensinar aqueles que os seguiam, incentivando-os a trilhar o mesmo caminho ascendente.

Essa cooperação espiritual é um dos muitos graus de Mestres e discípulos em todos os níveis ou reinos de consciência. Como uma corrente de elos interconectados, eles formam o

canal pelo qual a Sabedoria Universal é transmitida do simbólico Coração do Universo para a humanidade. E cada elo nessa linha atua simultaneamente como Mestre e aluno. Como aluno, quando está voltado para cima nessa corrente para receber instruções de uma consciência superior, e como Mestre quando está voltado para baixo para transmitir o que foi recebido. Como pode imaginar, essa não é apenas qualquer relação professor-aluno como a conhecemos na vida cotidiana, mas uma que, em termos de sabedoria profunda, devoção, lealdade incondicional e responsabilidade, se eleva muito acima dela. Portanto, pode-se realmente falar de uma relação sagrada e mística.

O que é aprender?

Mas antes de nos aprofundarmos mais nesse assunto, vamos primeiro examinar mais de perto o que é a aprendizagem, pois compreender o processo de aprendizagem é essencial para entender a relação entre mestre e aluno. Em resumo, a aprendizagem é o desdobramento, ou o desenvolvimento, das faculdades internas. Faculdades que já estão latentemente presentes dentro de nós; caso contrário, nunca seríamos capazes de

desdobrá-las. Aprender, portanto, não é uma questão de acrescentar algo de fora, mas de se desenvolver *a partir de dentro*, por meio do próprio esforço.

Sócrates expressou isso lindamente com sua afirmação de que aprender não é encher um vaso, mas acender uma chama.⁽¹⁾ Essa chama faz parte de um fogo interior infinito, do qual atualmente expressamos apenas uma pequena centelha.

Mas temos que fazer o trabalho nós mesmos: ninguém pode tornar-se sábio por outra pessoa; ninguém pode lhe dar visão, lógica ou discernimento. Isso é algo que devemos construir cem por cento por conta própria. Se não fizermos isso e aceitarmos cegamente o que alguém nos diz, sem refletir ou testar, trata-se simplesmente de fé cega, e não aprenderemos nada.

Mas, embora tenhamos que fazer o trabalho por conta própria, ainda podemos receber ajuda, desde que isso seja feito da maneira correta. E isso nos leva ao papel do mestre, pois qual é essa maneira correta? Em outras palavras, o que caracteriza um *verdadeiro* Mestre?

Como reconhecer um verdadeiro professor?

Em primeiro lugar – pois um verdadeiro Mestre sabe que o crescimento vem de dentro – sua abordagem estará sempre inteiramente focada no desenvolvimento das qualidades internas do próprio aluno. Isso significa que ele nunca exigirá que o aluno aceite algo com base na autoridade. Tampouco tentará persuadi-lo, mas sempre apelará para o pensamento independente do próprio aluno, para que este tenha a oportunidade de desenvolver sua própria percepção e sabedoria.

Sócrates, portanto, autodenominava-se uma ‘parteira espiritual’, auxiliando seus alunos no nascimento da *alma*. Ele fazia isso fazendo as perguntas certas, com as quais simplesmente orientava seus alunos na direção correta, para que pudessem encontrar as respostas dentro de si mesmos. Mas, para ser essa parteira espiritual, é essencial que o mestre seja ele próprio o exemplo vivo. Se ele deseja despertar certas qualidades internas no aluno, deve possuir ou incorporar essas qualidades *ele mesmo*, para que elas também ressoem no outro. Um mestre pode saber e dizer muitas coisas, mas, se não for o exemplo vivo do que ensina, isso terá pouco efeito. Pois não haverá ressonância. E essa ressonância funciona melhor quando emissor e receptor estão em sintonia um com o outro. Quanto melhor o mestre for capaz de se sintonizar com o nível do aluno, melhor será a comunicação e a transferência do que está sendo ensinado.

E talvez o mais importante de tudo seja que um verdadeiro mestre tenha confiança interior no potencial do aluno, sabendo que tudo já está latentemente presente dentro dele. Pode levar mais ou menos tempo, mas o mestre sabe que aquilo que está fundamentalmente presente no interior acabará por se manifestar.

E como a confiança do mestre é sincera, o aluno também a perceberá dessa forma, permitindo assim que o mestre crie a atmosfera essencial para o aluno. Como resultado, o aluno se sentirá completamente à vontade para fazer perguntas e se expressar livremente, sem medo de cometer erros. O mestre não repreende, mas, ao contrário, ajuda e incentiva o despertar da percepção do aluno.

Precisamos de professores?

Mas... você pode se perguntar: se todo crescimento vem de dentro, será que realmente precisamos de professores? A resposta teórica a essa pergunta seria: não, em potencial temos tudo dentro de nós, e à medida que ganhamos experiência e aprendemos nossas lições ao longo da vida, isso acabaria se manifestando com o tempo. No entanto, isso levaria uma eternidade. Veja, por exemplo, alguém



Uma pintura da dinastia Qing da China, na qual Confúcio (à direita) apresenta Gautama, o Buddha (o budismo, que é relativamente recente na China), a Lao Tzu.

em uma ilha deserta que precisa descobrir a posição da Terra no sistema solar sem qualquer formação. Ele poderia, eventualmente, conseguir isso por meio de suas próprias observações, mas isso levaria, é claro, muito mais tempo do que se ele recebesse ajuda.

Sem professores, o desdobramento de nossas faculdades internas levaria infinitamente mais tempo, o que significa que permaneceríamos ignorantes por muito mais tempo, o que, de certa forma, implica muito mais tempo de sofrimento. Esse último ponto, em particular, é uma razão importante pela qual, movidos pela compaixão, a resposta teosófica à pergunta sobre se precisamos de professores é: sim, precisamos de Professores. Além disso, da perspectiva da compaixão – baseada na unidade de toda a vida – ensinar é a coisa mais natural que existe. É o impulso inato daqueles que estão mais avançados de ajudar aqueles que estão menos avançados a acompanhar o ritmo, a serem capazes de seguir seus passos. Ensinar diminui as diferenças e promove maior harmonia.

É por isso que encontramos o ensino como um princípio universal em todos os níveis: desde o reino animal, onde os pais ensinam seus filhotes a encontrar alimento, até os Buddhas e Bodhisattvas, sobre os que, conforme lemos nas escrituras, também têm seus professores, de um nível ainda mais elevado. Os Buddhas Celestiais ou Dhyāni-Buddhas, que, por sua vez, também têm professores de um nível ainda mais elevado, e assim por diante, até o infinito.

Inter-relação entre nossas faculdades internas e o Mestre externo

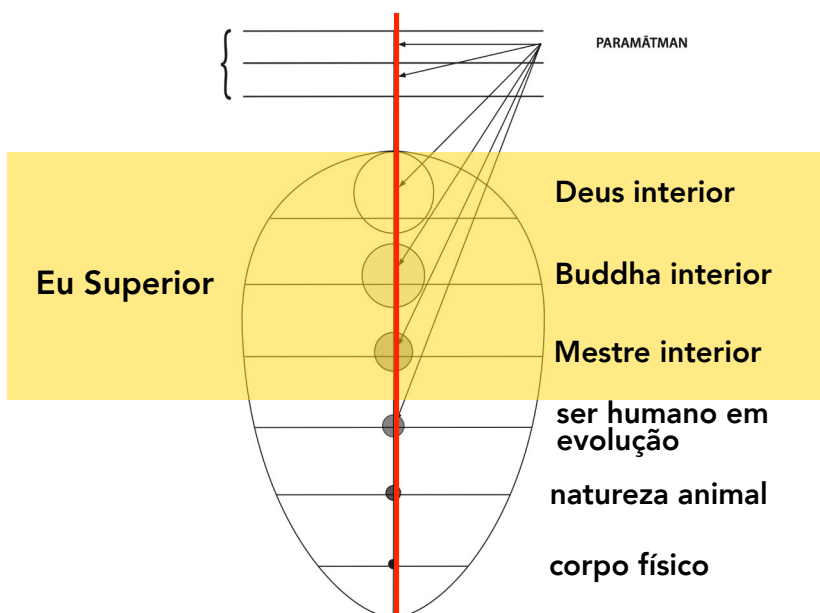
Mas entre esses dois – nossas faculdades internas, ainda adormecidas, e o Mestre externo que nos estimula a despertá-las – algo notável está acontecendo. Pois existe uma estreita interação ou inter-relação entre ambos. Para explicar essa interação, é importante examinar primeiro o que exatamente somos como seres humanos e de onde vêm nossas faculdades latentes. Pois, na verdade, somos mais do que aquilo a que geralmente nos referimos como ‘eu’. E essas faculdades internas não surgem do nada, mas derivam ou estão enraizadas nas partes mais íntimas de nossa constituição.

A imagem abaixo é uma representação esquemática da constituição composta do ser humano. A primeira e mais fundamental ideia neste diagrama é que somos, em essência, um fluxo infinito de consciência. A linha vermelha que atravessa o centro não tem começo nem fim, pois somos, em essência, ilimitados. Nessa linha, você vê vários centros representados, que simbolizam esferas de consciência. Como seres humanos completos, somos uma cooperação de várias esferas de influência dentro de nós. Cada um desses centros ou esferas dentro de nós representa uma determinada qualidade ou amplitude de consciência. Tenha em mente, no entanto, que um diagrama é sempre limitado, pois as várias esferas são representadas uma acima da outra, mas, na realidade, elas se interpenetram completamente umas nas outras.

A esfera inferior representa nosso *corpo físico*, que não é quem nós somos, mas sim o que *possuímos*. Temos um corpo que usamos como instrumento para nos expressarmos neste mundo exterior.

Também temos uma *natureza animal*, a esfera logo acima da física, que consiste em nossos desejos e emoções de natureza mais *instintiva*. Muito útil como ferramenta para perceber o que nos rodeia, mas menos útil quando essa parte assume o controle, fazendo com que percamos o auto-controle e, por exemplo, nos deixemos levar por emoções como raiva ou medo. Mas essa parte de nós já vai além do nosso corpo físico, pois nos permite sentir a atmosfera em uma sala ou prédio e perceber os estados

A composição do ser humano



Copyright © 2012 by I.S.I.S. Foundation - The Hague, The Netherlands

emocionais dos outros. Também observamos essa capacidade nos animais de captar impressões à distância; por exemplo, quando você precisa levar seu gato ao veterinário e, de repente, ele desaparece, pois consegue sentir exatamente o que está prestes a acontecer.

Depois, temos nossos pensamentos, tendências, desejos e ideais cotidianos como *seres humanos*. É isso que expressamos neste momento, como pensadores, como seres humanos em evolução. Aquilo a que nos referimos como 'eu', atribuindo realidade às emoções e pensamentos ligados ao mundo físico com o qual nos identificamos.

Mas agora a coisa fica interessante. Pois, mais acima em nosso fluxo de consciência, vemos centros superiores de consciência, dos quais, essencialmente, também fazemos parte, só que ainda não temos autoconsciência disso. Assim como nossos órgãos e células vivem dentro de nossa esfera humana de consciência, nós, como seres humanos em crescimento, fazemos parte de consciências mais altamente desenvolvidas, às quais chamamos coletivamente de nosso *Eu Superior*. E esse Eu Superior consiste em três centros, esferas ou seres, que desenvolveram um alcance cada vez maior de consciência e, conseqüentemente, uma sabedoria e uma compreensão da unidade cada vez maiores. O primeiro desses três – a quem chamamos de *Mestre interior* – possui uma esfera de influência que abrange todo o Planeta interior. Pois nosso Planeta vivo, assim como nós, consiste em diferentes esferas interiores.

Acima disso, ou dentro de nós, temos nosso *Buddha interior*, cujo alcance de consciência abrange todo o Sistema Solar. Mais uma vez, isso diz respeito não apenas aos planetas físicos, mas a toda a vida interior do Sistema Solar, sua alma. E, finalmente, o *Deus interior*, a parte mais elevada e universal dentro de nós, que abrange toda a Galáxia interior e, como tal, nos conecta com o infinito. Pois o fluxo de consciência que, em essência, somos, continua e nunca para.

O que é importante perceber agora é que nós, como seres humanos em evolução, *nos encontramos continuamente na esfera de influência do nosso Eu Superior* e, portanto, também podemos nos tornar conscientes dessa influência. Todas as nossas qualidades nobres e éticas – como compaixão, compreensão, percepção da unidade e interconectividade da vida, nossa consciência – são, em nosso nível, um reflexo que se origina dessas partes mais internas de nós mesmos. Em seu próprio reino, elas estão plenamente ativas, assim como nós aqui no mundo. Elas irradiam continuamente sua influência. Mas somos nós, seres humanos em desenvolvimento, que ainda estamos

adormecidos e ainda não somos capazes de nos identificar conscientemente com elas e expressar essas qualidades internas.

Portanto, quando falamos de aprendizado, de crescimento ou evolução, do desdobramento das faculdades internas, é exatamente isso que precisamos fazer: despertar ou ativar essas qualidades que nosso Eu Superior já expressa.

Relação entre o Mestre Interior e os Mestres externos

Como já foi dito, um verdadeiro Mestre estimula esse processo de despertar das faculdades ainda adormecidas dos alunos. Mas eis o ponto crucial: o Mestre interior do aluno desempenha um papel fundamental nessa interação. É a influência manifestada pelo Mestre interior do aluno que está intimamente ligada à relação *mística* entre o discípulo e seu Mestre. As citações a seguir dão uma pista:

‘Quando todos os materiais estiverem preparados e prontos, o arquiteto aparecerá’ ⁽²⁾

‘Quando o aluno estiver pronto, o Mestre estará esperando’ ⁽³⁾

Duas citações que expressam a mesma ideia mística, que tem tudo a ver com a interação entre o Mestre interior e o exterior. *Quando o aluno estiver pronto, o Mestre está esperando*. A questão, então, é: quando o aluno está pronto? Esse é o momento em que ele é capaz de receber os ensinamentos diretos e mais profundos do Mestre.

Katherine Tingley, a terceira Líder de nossa organização, diz o seguinte a respeito: ‘Um instrutor pode se esforçar para transmitir a verdade, mas se a intuição do aluno não estiver desenvolvida, pelo menos até certo ponto, o esforço é inútil. [...] pois a intuição é o verdadeiro, o místico mestre.’ ⁽⁴⁾

Em outras palavras, deve haver primeiro uma certa receptividade no aluno antes que o Mestre possa ensinar. Os chamados *materiais* devem estar preparados e prontos primeiro, antes que o arquiteto possa começar a trabalhar com eles. E isso não ocorre até que o aluno tenha estabelecido, até certo ponto, uma conexão ativa com seu próprio Mestre interior. Pois essa receptividade está ligada ao grau em que desenvolvemos nossa intuição, ou buddhi – que, como diz Tingley, é o verdadeiro Mestre místico. É nosso Mestre interior, ou Eu Superior, de onde se originam esses lampejos de insight e sabedoria (como a intuição se manifesta), no momento em que temos uma conexão ativa com ele. Esse contato deve ocorrer primeiro para

que o aluno esteja pronto para receber os ensinamentos mais profundos. Precisamos primeiro desenvolver a faculdade de compreensão dentro de nós mesmos antes de sermos capazes de compreender; antes de podermos receber os mistérios do universo e compreendê-los por nós mesmos.

Mas como isso funciona? Como nos conectamos ativamente com nosso Mestre interior?

Mestre Externo 1: O Mestre Mundial (geral)

Isso nos leva ao Mestre externo, do qual existem dois tipos diferentes, que, em momentos distintos, desempenham um papel específico, dependendo do estágio de desenvolvimento dos discípulos no Caminho. O primeiro é o *Mestre Mundial*, em contraste com o segundo tipo: o Mestre individual do discípulo. Inicialmente, é o Mestre geral ou Universal da humanidade que desempenha um papel importante ao nos ajudar a nos conectarmos conscientemente com nosso Mestre interior. Gottfried de Purucker, o quarto Líder da Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL), diz o seguinte a respeito: ‘No que diz respeito ao homem comum, aquele cujo progresso ainda não é suficiente para ter despertado em si os sentidos e faculdades espirituais e psíquicos – os quais não apenas merecem, mas de fato exigirão a ajuda de um Mestre superior – há sempre a sabedoria dos grandes Sábios e Videntes de todas as épocas’.⁽⁵⁾

Esses são os Grandes Mestres das diversas religiões e filosofias do mundo, que, como mensageiros da Loja da Sabedoria e da Compaixão, mostram ao homem comum o Caminho interior que conduz a uma conexão autoconsciente com nosso próprio Mestre interior.

Como eles fazem isso? Primeiro, apresentando-nos a Sabedoria Universal, como a reencarnação e o karma, o fato de que não somos nosso corpo, mas consciência, infinita em essência; o fato de que existe uma Unidade fundamental e que toda a vida está interconectada. E, ao revelarem Verdades Universais como essas, os Mestres Mundiais falam ao nosso coração interior, onde essa sabedoria já reside.

E uma segunda maneira pela qual eles fazem isso é apresentando e incorporando as virtudes e regras de conduta que resultam dessa Sabedoria, por meio das quais apelam aos aspectos morais e éticos dentro de nós. Este último aspecto, em particular, é essencial para estabelecer uma conexão consciente com nosso Mestre interior. E independentemente de adotarmos as virtudes dos estoicos gregos, as Pãramitãs do budismo, as virtudes do cristianismo ou as do islamismo, todas elas dizem respeito às mesmas

qualidades: compaixão, altruísmo, justiça, coragem, paciência, autocontrole, perdão... Cada uma dessas qualidades dentro de nós nos coloca em ressonância ativa com nosso Mestre interior. Por quê? Porque elas deslocam nossa atenção do nosso eu pessoal para o nosso Eu Superior, ao qual essas qualidades pertencem. O aspecto definidor de um chela, um discípulo no Caminho, diz De Purucker, é: *‘Uma crescente indiferença em relação a si mesmo e um interesse cada vez maior por tudo o que existe.’*⁽⁶⁾ E é exatamente a isso que leva a prática das virtudes. Nesse contexto, De Purucker menciona duas dessas virtudes em particular, cuja prática viva é o pré-requisito para que o aluno aspirante se torne apto ao status de chela, mas que, em princípio, qualquer pessoa pode praticar.

Nunca se justifique

A primeira é: tente não se justificar. ‘Se as pessoas seguissem essa regra no mundo, nossa Terra seria um paraíso em comparação com o que é hoje’, diz De Purucker.

Não é uma regra fácil, mas é uma das maneiras mais eficazes de tornar sua personalidade – aquela parte de nós que é egocêntrica – menos dominante. Quando você se justifica, na verdade coloca a ênfase em si mesmo; ao querer convencer os outros de que não é você, mas outra pessoa que está errada, você reforça o sentimento de separação e estreita sua consciência, limitando-a apenas a si mesmo. Ora, o objetivo é justamente desviar sua atenção de si mesmo para o mundo ao seu redor, identificar-se com ele e expandir sua consciência. E é por isso que a segunda virtude ou prática é tão importante, a saber:

Aprenda a perdoar e aprenda a amar

Aprenda a perdoar e aprenda a amar. Pois essa é a melhor maneira de desviar seu foco de si mesmo para o outro. Aprender a perdoar significa esquecer de si mesmo, ter empatia pela outra pessoa e estar disposto a compreendê-la de verdade. Perdoar e amar é compreender. Isso permite que você distinga entre o ato e quem o cometeu. Porque você compreende que o outro é sempre mais do que apenas suas ações, mais do que aquilo que ele demonstrou de si mesmo naquele momento específico. O verdadeiro perdão e o amor impessoal permitem que você reconheça o ser interior por trás do ato, o que cultiva a compreensão e a compaixão.

O que isso tem a ver com o Mestre Interior, você pode se perguntar?.

A aplicação dessa sabedoria e dessas virtudes conduz ao processo de transformação, necessário para que a influência

do Mestre Interior se torne uma força ativa em nós. Enquanto colocarmos a nós mesmos em primeiro lugar e seguirmos nossos desejos e inclinações egoístas, nos isolamos dessa influência. Por exemplo, quando *não* somos capazes de perdoar e permanecemos presos ao ressentimento e à raiva, alimentando constantemente esses pensamentos negativos, literalmente nos cercamos desses pensamentos limitantes, tornando assim nossa atmosfera mais densa e criando uma barreira que nos impede de nos tornarmos conscientes da influência do nosso Eu Superior. Pois essa influência está sempre presente, mas cabe a nós nos sintonizarmos com ela. E, na medida em que somos capazes de nos esquecer de nós mesmos ao servir aos outros, os véus que envolvem nossa personalidade tornam-se mais transparentes, o que permite que a influência interior se manifeste. Então, nossa consciência pessoal se abre, permitindo que a luz interior do nosso Eu Superior brilhe dentro de nós.

Mestre Externo 2: o Mestre individual (Guru)

E este é o momento em que o *segundo* tipo de Mestre externo entra em cena: o Mestre *individual* do discípulo, que é automaticamente atraído, ou invocado, quando essa Luz interior da natureza superior do discípulo começa a se manifestar. Na citação acima mencionada de De Purucker, ele falou do desenvolvimento das faculdades interiores, ‘que não apenas merecem, mas que de fato *exigirão* a ajuda de um Mestre superior’.

E este último aspecto, o de exigir, deve-se ao fato de que é uma lei oculta que o Mestre *deve* responder a todo chamado interior.

Isso nos leva de volta àquela interação dinâmica entre o Mestre externo e o Mestre interno, mas, desta vez, provocada pela presença ativa do *Mestre interno*. Enquanto inicialmente o Mestre geral, ou Mestre Mundial, nos incentiva a nos conectarmos ao nosso próprio Mestre interno por meio da prática das virtudes, é a influência presente do Mestre interno, uma vez que essa conexão esteja ativa, que faz com que o Mestre *individual* do discípulo apareça.

Pois essa luz interior da intuição desperta também é conhecida como *Luz Búdica*, e diz-se que os Grandes Mestres da humanidade observam constante e atentamente para que ela se manifeste em alguém. Simbolicamente representada como um mapa-múndi com toda a humanidade nele como pequenos pontos elétricos, como um mostrador espiritual. E cada vez que essa Luz Búdica se manifesta em alguém, ela aparece nesse mostrador

místico como um clarão de luz. E mesmo que seja apenas um brilho fraco, no momento em que está presente, essa pessoa é observada e é dever do Mestre responder. Sempre pronto para fomentar e cultivar tais lampejos. Ele é atraído por esses lampejos com base em uma simpatia espiritual magnética. É por isso que a citação anterior afirma que o aluno não apenas merece a ajuda de um Mestre superior, mas, na verdade, também a *exige*. É a chamada batida correta na porta do Coração do Mestre, composta de devoção e Amor impessoal, que é infalivelmente ouvida e respondida, pois o Coração do Mestre está sempre à escuta.

O discípulo fica sob o olhar atento de seu Mestre

A partir desse momento, o discípulo fica sob o olhar atento de seu Mestre exterior, embora inicialmente sem ter consciência disso. Primeiro vem um período de provações, antes que ele seja oficialmente aceito como chela. Mas, nos bastidores, o Mestre já está trabalhando, zelando pela chama interior, alimentando-a e estimulando a compaixão despertada no aluno. Mas, é claro, respeitando plenamente o livre arbítrio do aluno, pois o Mestre, como mencionado, nunca força, mas apenas inspira. E durante esse processo, no qual o discípulo continua seu progresso sob o olhar atento do Mestre, certificando-se de dedicar plenamente suas faculdades em desenvolvimento ao serviço da humanidade, a conexão com seu Mestre interior se fortalece e, conseqüentemente, também com seu Mestre exterior.

Até que, em determinado momento, chegue a hora em que o Mestre externo realmente se revele ao discípulo. Ou seja: o chela *é capaz* de reconhecer seu Guru. Pois o Guru sempre esteve presente, apenas invisível para o discípulo. Porque é necessário que haja um certo grau de despertar interior antes que o aluno seja capaz de reconhecer seu Mestre externo como tal. Pois você não pode reconhecer o que ainda não desenvolveu dentro de si mesmo. Somente quando você mesmo *se tornar* isso é que será capaz de reconhecê-lo fora de si.

De Purucker diz o seguinte sobre esse assunto: ‘O homem que é realmente grande por dentro reconhece a grandeza nos outros e se curva diante dela, porque ele próprio é, interiormente, um grande homem.’⁽⁷⁾

E, a respeito do reconhecimento do Mestre, ele diz: ‘Cultivem dentro de vocês mesmos o amor, e compreenderão o amor que ele lhes dará. Cultivem em seus corações o perdão, e então compreenderão o perdão que fluirá dele para vocês. Sejam sinceros e reconhecerão a sinceridade quando ele vier.’⁽⁸⁾

É *isso* que torna mística a relação entre o discípulo e o Mestre, pois ela se baseia no *reconhecimento interior*, oculto à percepção da pessoa comum, já que diz respeito a qualidades puramente espirituais e éticas e a faculdades interiores que só podem ser reconhecidas pelo discípulo que desenvolveu essas qualidades em si mesmo.

E a partir do momento em que o Mestre se dá a conhecer ao seu discípulo, o ensino direto pode começar a ocorrer.

O ensinamento do Mestre

Mas o que isso implica? O que exatamente ocorre agora que o discípulo passa a estar sob a orientação direta de seu Mestre ou Guru? Como mencionado, trata-se de uma relação mística, baseada na grandeza interior, na devoção incondicional e em uma compaixão compartilhada por tudo o que vive. Diz-se, portanto, que essa relação entre Mestre e discípulo é ‘infinitamente mais sagrada do que até mesmo aquela entre um pai e um filho’, pois, enquanto os pais fornecem o corpo para a alma que está por vir, o Mestre faz surgir a própria alma.

O Mestre é, por assim dizer, o pai *espiritual* do aluno, fornecendo o alimento interior que permite ao aluno desenvolver ainda mais suas capacidades internas e divinas e tornar-se o que ele é em sua essência mais profunda. Tudo isso é feito por compaixão e em nome da compaixão. Para preparar o aluno para que ele próprio se torne um Mestre, um Mestre para a humanidade. E quando esse processo – o nascimento da alma – ocorre em ritmo acelerado, falamos de iniciação. A educação na Escola de Mistérios, os ensinamentos que o discípulo recebe, é, na verdade, uma preparação para as provas que ele enfrentará durante a iniciação, no momento em que for deixado completamente sozinho, para provar sua força interior.

A literatura teosófica fala de sete Grandes Iniciações, das quais as três primeiras também são chamadas de iniciações preparatórias, consistindo em uma combinação de estudo e aplicação na vida cotidiana, na qual o discípulo deve demonstrar a disciplina e a conduta ética necessárias antes que as quatro Grandes Iniciações possam começar.

É inicialmente nesse nível da vida cotidiana que o Mestre acompanha o progresso do aluno. Ele é testado quanto à sua disposição de realmente utilizar e aplicar as qualidades que desenvolve em benefício da humanidade, independentemente das consequências para si mesmo.

E aqui se vê a relatividade do conceito de Mestre e discípulo, pois a disposição do discípulo em transmitir o que recebeu implica, ao mesmo tempo, que ele próprio seja um Mestre.

No momento em que o discípulo é aceito como chela, ele se torna uma força ativa de ajuda na Loja da Sabedoria e da Compaixão, onde ocupa seu lugar na transmissão da Sabedoria Universal. Se você ler as cartas dos Mahatmas a A.P. Sinnett⁽⁹⁾, terá uma boa noção de como isso funciona. Como os chelas deles estão constantemente cumprindo instruções e tarefas, transmitindo ensinamentos, a fim de servir à humanidade

O Mestre nunca impõe ordens

E onde se poderia esperar uma orientação rígida, o Mestre, na fase inicial dessas três primeiras iniciações preparatórias, permite que o aluno, acima de tudo, faça suas próprias escolhas ‘livremente’. Isso pode parecer contraditório, mas é justamente ao deixá-lo seguir seu próprio caminho que o Mestre permite ao aluno provar sua capacidade de aplicar os princípios da Sabedoria Universal na prática de forma independente. Isso não significa que o Mestre deixe de prestar atenção, mas ele dá rédea solta ao discípulo, pois essa é a melhor maneira de testar se ele é capaz de superar todas as provas e tentações da vida cotidiana, sem apoio. Pois é precisamente nas tentações e nos desafios da vida cotidiana que o chela deve demonstrar sua força de caráter e que se revela sua verdadeira natureza. Em suas cartas, os Mestres dizem o seguinte a respeito: ‘Permitimos que nossos candidatos sejam tentados de mil maneiras diferentes, a fim de extrair toda a sua natureza interior e dar-lhe a chance de permanecer vitorioso, de uma forma ou de outra.’⁽¹⁰⁾ ‘Nunca *orientamos* nossos chelas (nem mesmo os mais avançados); nem os alertamos previamente, deixando que os efeitos produzidos pelas causas de sua própria criação lhes ensinem a melhor experiência’⁽¹¹⁾ E nessa última citação, também fica claro que essas provas não são colocadas no caminho pelos Mestres, mas vêm de dentro, do próprio discípulo.

Karma acelerado

Essas provas são, na verdade, as consequências kármicas de causas que ele mesmo criou no passado e que vêm à tona de forma acelerada, no momento em que o discípulo toma a decisão interior de se dedicar à humanidade. Quanto mais intenso e sincero for o desejo do aluno de viver para a humanidade, mais rapidamente suas consequências kármicas se abaterão sobre ele. A luz interior que começa a brilhar, desperta, por assim dizer, as sementes adormecidas, que agora, de repente, brotam todas juntas. Isso diz respeito tanto às características negativas quanto às positivas, com as quais ele é capaz de superar as negativas.

As causas kármicas, que normalmente se manifestariam gradualmente ao longo de muitas vidas, agora estão comprimidas em uma única vida. Mas é exatamente essa manifestação intensificada do karma que oferece a oportunidade de acelerar o desenvolvimento do discípulo e de superar as fraquezas que limitavam sua capacidade e de ser uma força de ajuda. Dependendo, é claro, de como ele lida com isso. Essas são as provas que o discípulo deve enfrentar em seu Caminho.

Você pode comparar esse processo ao ciclismo e à resistência do ar que você experimenta ao andar de bicicleta. Quanto mais forte você pedala, mais vento contrário você encontra. Essa é uma lei bem conhecida da física: a resistência aumenta com o quadrado da velocidade. Mas o que não percebemos é que a mesma lei se aplica aos planos internos. As leis no plano físico nada mais são do que um reflexo das Leis de reinos mais internos da consciência. Assim como existe uma atmosfera externa que causa a experiência da resistência do ar, também existe uma atmosfera interna como realidade. E assim como o movimento acelerado pela atmosfera externa causa turbulência física, é o crescimento interno acelerado que evoca uma turbulência interna. E a isso chamamos de karma acelerado. A extensão em que essa turbulência ocorre – na qual o karma se apresenta em um ritmo acelerado – é proporcional à intensidade com que o discípulo toma a decisão de ser uma força de ajuda. E essa manifestação acelerada do karma diz respeito tanto às nossas qualidades melhores quanto às nossas qualidades menos nobres. No momento em que invocamos nossas faculdades internas, uma força interna é liberada que reforça ambos os lados, positivo e negativo, fazendo com que tanto as qualidades boas quanto as menos nobres se expressem mais rapidamente. Características como a ganância, a vaidade ou a tendência à fofoca – que sempre estiveram adormecidas em segundo plano – de repente vêm à tona com maior intensidade. Mas isso também se aplica às qualidades positivas, pelas quais as inferiores podem ser vencidas naquele exato momento. E *devem* ser vencidas, pois não podem coexistir ao mesmo tempo.

É como o peso de lastro de um balão de ar quente, que precisa ser liberado antes que ele possa decolar. Primeiro, o karma antigo deve ser resolvido antes que o discípulo possa dar o próximo passo adiante. E é assim que esse karma acelerado, gerado por si mesmo, causa a prova interior – o ‘teste’ para que o aluno demonstre seu valor sob pressão. E é sempre em sua relação com os outros que ele é testado, sempre em termos de abnegação e compaixão.

O desafio de permanecer calmo e prestativo em qualquer situação. E enquanto surgir nele mesmo que o mais leve indício de irritação, inveja ou ressentimento, isso é prova de que ele ainda não dominou plenamente sua natureza inferior e, portanto, ainda não está pronto para o próximo passo de receber ensinamentos mais profundos e ingressar em iniciações superiores.

Cooperação com os colegas

Uma parte importante desse treinamento em altruísmo é a cooperação com os companheiros de estudo. Um chela deve subordinar completamente seus próprios interesses aos do grupo, que deve trabalhar em conjunto como os dedos de uma mão para se tornar um instrumento útil para o Mestre. Somente quando os discípulos trabalham juntos em completa harmonia é que formam o canal vivo, por meio do qual a corrente da Sabedoria Universal proveniente do Mestre pode exercer sua influência benéfica no mundo.

No livreto *A Voz do Silêncio*, dedicado ao chela no Caminho interior, H.P. Blavatsky escreve que os discípulos que optaram por sacrificar sua própria bem-aventurança nirvânica pela humanidade – prontos para receber novos ensinamentos do Mestre – podem ser comparados às cordas da vina (um instrumento de cordas), que devem vibrar em harmonia umas com as outras, em plena sintonia com a mente do Mestre. E que, quando isso não ocorre, a corda que não está em harmonia se rompe e é descartada.



Em outras palavras, o aluno que é incapaz de se dedicar ao bem comum é expulso da Escola de Mistérios, ou melhor, expulsa-se a si mesmo. E aqui não há exceções. Um discípulo não pode contar com nenhum favor do Mestre nessa questão, mas assume por si mesmo toda a responsabilidade por isso. ‘Os Mahatmas são os servos, não os árbitros da Lei do Karma’, diz Madame Blavatsky em um de seus artigos sobre o discipulado⁽¹²⁾. Eles não podem, e nem mesmo desejam, intervir nas consequências kármicas das

ações do discípulo, pois isso minaria todo o propósito da provação, que consiste em o chela demonstrar sua força interior e sua bússola moral infalível.

Comunicação entre o Guru e o chela

À medida que o chela avança no Caminho Interno e as responsabilidades que assume aumentam gradualmente, a relação interior entre ele e seu Mestre também se fortalece. Aos poucos, a conexão entre o chela e seu Mestre cresce nesse nível interior e espiritual, no qual se baseia a relação mística. Até que, em determinado momento, suas mentes estejam tão sintonizadas, seu pensamento quase uno, que a comunicação direta e a instrução possam ocorrer no reino interior, sem a necessidade de palavras faladas ou escritas.

Em nosso nível, todos conhecemos a experiência de estar com um membro da família ou um amigo próximo, precisando de apenas uma única palavra para nos entendermos. Ou a situação em que dois indivíduos começam a dizer exatamente a mesma coisa, ao mesmo tempo, porque estão na ‘mesma frequência’. E mesmo a uma distância maior, às vezes acontece de você pensar em alguém que não vê há algum tempo e, naquele exato momento, essa pessoa ligar para você. Exemplos reconhecíveis que mostram que é possível estar tão em sintonia um com o



outro a ponto de captar as impressões mentais um do outro. Algo que também faz todo o sentido, simplesmente porque estamos conectados uns aos outros.

No entanto, há uma diferença fundamental entre esses exemplos e o caso do Guru e seu chela.

Em primeiro lugar, no caso da pessoa comum, esse fenômeno ocorre aleatoriamente, de forma inconsciente e descontrolada, enquanto que, entre o Mestre e seu chela, ele ocorre em um estado consciente, totalmente controlado e com base em um acordo mútuo.

E a segunda diferença é que, no caso da pessoa comum, a comunicação geralmente se restringe ao nível emocional, sendo vivenciada como um pressentimento, enquanto a comunicação entre o Mestre e seu chela é cristalina e ocorre no nível mental superior. Por meio de seu treinamento e concentração, o discípulo é capaz de sintonizar plenamente sua consciência com esse mesmo nível de pureza, a mesma frequência espiritual de seu Mestre, permitindo que o Mestre transmita seus pensamentos diretamente à mente do discípulo, independentemente da distância física entre eles. E como esse fluxo de pensamentos é de uma qualidade tão pura, transcendendo as emoções e os desejos cotidianos, não há distorção ou interferência que possa afetar a transmissão.

Um exemplo desse processo é a compilação do livro *A Doutrina Secreta*, que Helena P. Blavatsky de fato escreveu fisicamente, mas que lhe foi ditado por seus Mestres no plano interno. Como a própria Blavatsky disse, ela era meramente a máquina de escrever, registrando o que lhe era ditado no plano astral. Outro exemplo são as *Cartas dos Mahâtmas*, dos mesmos Mestres, que foram escritas de maneira semelhante na maioria dos casos, nas quais eles transmitiram seus pensamentos diretamente às mentes de seus chelas, que então os registraram por escrito.

A Responsabilidade do Mestre

Por fim, gostaria de refletir sobre a responsabilidade que o Mestre tem para com seu aluno, mas também sobre a do aluno para com seu Mestre, pois ele *também* tem responsabilidades.

A partir do momento em que o Mestre aceita seu chela e começa a ensiná-lo, recai sobre ele uma grande responsabilidade, pois passa a ser responsável pelas consequências kármicas decorrentes dos ensinamentos esotéricos que transmite ao discípulo. Como já ficou claro, não se trata aqui de conhecimento intelectual e de fatos, mas dos mistérios mais profundos relativos às forças inatas da Natureza e do homem, que, quando mal interpretadas ou mal

aplicadas, acarretam perigos significativos tanto para o próprio discípulo quanto para seu entorno. Portanto, é dever do Mestre conhecer seu aluno por dentro e por fora e acompanhar de perto seu progresso. A relação mística baseia-se, portanto, em total confiança e abertura, de modo que nada da vida interior possa permanecer oculto ao Mestre. Com base, por um lado, nas qualidades que o aluno desenvolveu e, por outro, em quaisquer possíveis fraquezas que ainda possam estar presentes, o Mestre deve avaliar constantemente quais ensinamentos pode transmitir e quando seu aluno está pronto para o próximo passo. E ele faz isso – como diz De Purucker – ‘com total harmonia e em estrita conformidade com as indicações que surgem na própria consciência do chela quanto à presença do Mestre interior’, as quais se manifestam como lampejos repentinos de intuição e compreensão.

A responsabilidade do discípulo

O discípulo, por sua vez, também tem uma grande responsabilidade para com seu Mestre.

E isso consiste no fato de que, por mais incondicional que seja sua devoção e lealdade ao Mestre, ele nunca deve aceitar cegamente nada que venha dele. Apesar da total confiança mútua que existe, o aluno sempre terá que testar por si mesmo o que o Mestre apresenta, pela razão já mencionada de que o aprendizado é o desdobramento das faculdades internas e que a verdadeira compreensão sempre *vem de dentro*. O discípulo terá, portanto, que examinar criticamente o que o Mestre lhe apresenta para construir sua própria percepção por meio da experiência e para evitar que os ensinamentos se tornem um dogma. Isso requer vigilância contínua e esforço independente por parte do discípulo. O que o Mestre realmente faz, ao ser ele próprio o exemplo vivo, é criar uma atmosfera pura para levar o aluno a uma ressonância correspondente, de modo que ele seja capaz de encontrar as respostas dentro de si mesmo nesse mesmo nível, a partir de seu próprio Mestre interior, de onde provém a percepção. ‘O verdadeiro Mestre Místico’, como disse Tingley – que, portanto, também é chamado de Mestre supremo.

Uma das primeiras regras ensinadas aos chelas é nunca fazer uma pergunta antes de primeiro tentar resolvê-la por conta própria. Eles devem sempre pensar por si mesmos primeiro, tentar encontrar a resposta por conta própria, pois esse é precisamente o treinamento necessário, o esforço necessário, para desenvolver sua própria intuição e torná-la cada vez mais forte. Não há outra maneira de fazer isso. E se uma pergunta for sincera, vinda do

Coração, e o chela dedicar tempo para refletir sobre ela, então a resposta muitas vezes virá de dentro também. Mas se isso não tiver dado certo e o chela, após intensa contemplação por conta própria, apresentar sua pergunta ao Mestre, então o Mestre é obrigado a responder. Mas ele sempre o fará de acordo com a qualidade e a clareza da pergunta. Pois o aluno não tem o direito de receber mistérios mais profundos dos quais ainda não tenha uma noção intuitiva. Daí o paradoxo de que ‘o discípulo é o mestre e o Mestre é o servo’. Porque, em última análise, é o próprio discípulo que, com base em sua motivação e dedicação, determina o que o Mestre tem o direito de lhe ensinar.

Referências

1. Essa citação é frequentemente atribuída a Sócrates. A fonte exata parece não ser conhecida, embora a ideia certamente seja consistente com seus ensinamentos. Plutarco fez uma afirmação semelhante em seu livro *De recta ratione audiendi* (‘Como Ouvir’).
2. W.Q. Judge, *Of occult powers and their acquirement* (Sobre os poderes ocultos e sua aquisição). Artigo em: *The Path*, vol. 3, fevereiro de 1889, p. 342-343. Publicado em: W.Q. Judge, *Echoes of the Orient*. Volume I. Compilado por Dara Eklund. Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 2011, p. 107.
3. G. de Purucker, *Esoteric Teachings* (Ensinamentos Esotéricos), Vol. 2, *The Esoteric or Eastern School* (A Escola Esotérica ou Oriental), p. 47, Haia, Fundação I.S.I.S.
4. Katherine Tingley, *Theosophy, The Path of the Mystic* (Teosofia: o Caminho do Místico). 2ª edição. Point Loma, Califórnia, The Aryan Theosophical Press, 1922, p. 67. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/katherine-tingley/>).
5. G. de Purucker, *Studies in Occult Philosophy* (Estudos em Filosofia Oculta), 1ª edição. Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 1945, p. 385 (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>).
6. Ver ref. 5, p. 228.
7. Ver ref. 5, p. 234.
8. Ver ref. 3, p. 166.
9. Escritas pelos Mahatmas M. e K. H. Transcritas e compiladas por A.T. Barker Volume I Em sequência cronológica. Editroa Teosófica, Brasília-DF, Brasil.
10. Ver ref. 9, carta n.º 35.
11. Ver ref. 9, carta n.º 127.
12. H.P. Blavatsky, *Chelas and lay chelas* (Chelas e chelas leigos). Artigo em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, Volume IV. Wheaton, The Theosophical Publishing House, 1981, p. 611.



O segredo por trás do Sermão da Montanha

parte 2: Não resistam ao mal

Ideais-chave

- » O Sermão da Montanha apresenta um ideal ético elevado, sustentado pela lei do karma.
- » Os discípulos de uma Escola de Mistérios desempenham um papel importante na sociedade.
- » Os requisitos para o discipulado estão intimamente relacionados ao ágape (amor universal).
- » Sob nenhuma circunstância você deve retribuir o mal com o mal; em vez disso, ame o seu 'inimigo'.
- » Ao contrário do que muitas pessoas pensam (incluindo líderes cristãos), essa ética não é impraticável. É a única maneira de reverter a espiral descendente da violência.

A parte 1 desta série demonstrou que as ideias éticas do Sermão da Montanha têm origem em um sutra budista. Também discutiu as Bem-aventuranças, que se revelaram qualidades que os discípulos devem alcançar em seu mundo interior. Além disso, mostrou que o Deus do Sermão da Montanha é o aspecto mais elevado em cada ser humano.

O artigo a seguir aprofunda a tarefa dos apóstolos, os discípulos no caminho da expansão da consciência.

Sal e luz do mundo

Após as Bem-aventuranças, Jesus aponta aos discípulos a função que eles devem desempenhar no mundo. Ele diz: 'Vós sois o sal da terra; mas, se o sal perder o seu sabor, com que se salgarão as coisas? Para nada mais serve, a não ser para ser lançado fora e pisado pelos homens.'⁽¹⁾

Os discípulos têm uma certa característica à qual devem estar à altura. São discípulos por essa *característica*. Não por se sentarem perto do Mestre e o ouvirem. Não por suas palavras, suas pretensões ou qualquer outra coisa. Você é um discípulo se viver como um discípulo, se a praticar em sua própria vida. Mas se você não viver mais de acordo com as características das Bem-aventuranças, terá perdido seu *sabor* e será inútil para a Escola de Mistérios e, conseqüentemente, para a humanidade.

Portanto, essa metáfora do sal significa que, se as características que fazem do discípulo um discípulo não

estiverem mais presentes, então o próprio discípulo não existe mais. Ele se foi. A tentativa, a iniciação fracassou. A pessoa fracassou. O sal que perdeu o sabor não serve mais para nada, a não ser para ser jogado fora e pisoteado.

Essa característica, aliás, deve ter impacto em toda a sociedade. Trata-se também, principalmente, de os discípulos, por meio de suas vidas e atitudes, influenciarem o todo e torná-lo melhor. Essa é a função deles no mundo.

Isso fica especialmente evidente nas seguintes palavras: 'Vós sois a luz do mundo.'⁽²⁾ E essa luz deve brilhar no mundo. Os discípulos têm uma missão social. Eles devem divulgar os ensinamentos. Portanto, 'não coloquem sua luz debaixo do alqueire'.⁽³⁾ E um pouco mais adiante diz: 'Que a vossa luz brilhe diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.'⁽⁴⁾

Mais uma vez, isso não significa que os discípulos devam glorificar algum Deus até então desconhecido, mas que devem se concentrar em seu Deus interior e dar-lhe forma em suas vidas. Assim, eles cumprem uma função exemplar em relação ao que pode ser chamado de ‘não iniciados’. Eles se distinguem espiritualmente de seus irmãos menos instruídos em termos espirituais e de compaixão. Dessa forma, desempenham um papel de serviço para com eles.

Cumprir a Lei

Mas, para poder cumprir essa tarefa de serviço, para ser um discípulo, é preciso atender a uma série de requisitos. Requisitos que são mais exigentes do que aqueles para a pessoa comum. Isso é expresso de forma muito enfática na passagem que se segue. Pois Jesus diz, antes de tudo, que não veio para abolir a Lei ou os profetas, mas para cumpri-los.

Geralmente se supõe que essa lei se refira à Lei Mosaica; a Lei revelada por Deus a Moisés, e que assume sua forma mais concreta nos Dez Mandamentos. Jesus diz que não destruirá essa lei. Ela é boa dentro de seus limites.

As leis da natureza, por exemplo, as diversas leis da gravidade, também são boas dentro de seus limites. Elas contêm toda a verdade? Não, no máximo um aspecto dela. A lei mosaica também não contém toda a verdade, mas, no máximo, uma parte dela.

A palavra sânscrita *Dharma*, que já mencionamos no artigo anterior desta série, também significa Lei. No entanto, o *Dharma* é a Lei universal, ou melhor, um padrão universal de hábitos. O universo é sustentado por padrões habituais. Essas Leis são o fundamento do Universo. Trata-se, portanto, de uma harmonia eterna e perfeita.

Lembre-se de que Jesus está falando aqui aos seus discípulos, seus alunos. Se eles realmente querem ser o sal da terra e a luz do mundo, então devem submeter-se a essas leis universais. Devem compreender a unidade cósmica e viver de acordo com ela.

Prestem muita atenção ao que Jesus diz aos seus discípulos: ‘Eu vim para cumprir a lei’ – para cumprir o *Dharma*. A lei, tal como era conhecida naquela época, era, no máximo, uma verdade relativa, talvez boa para as multidões, a fim de não deixá-las completamente desprovidas de luz espiritual. No entanto, *para vocês*, diz Jesus, discípulos, para vocês que querem conquistar o Reino dos Céus à força, para vocês que devem ser o sal da terra, exigências mais rigorosas se aplicam. Vocês devem alinhar seu dever pessoal mais com a Lei Universal, a harmonia geral que existe no Cosmos.

É preciso compreender isso bem. Não se trata de que Jesus – ou qualquer Mestre espiritual – esteja impondo exigências. Mas *se* vocês querem alcançar seu objetivo, tornar-se um com o Deus interior e entrar no Reino, terão que desenvolver uma série de características. Tudo acontece com base na lei de causa e efeito. Se desenvolverem essas características, então serão naturalmente atraídos para esses mundos espirituais e se tornarão bem-aventurados.

Os requisitos para os discípulos: não matar

Jesus então discute mais especificamente alguns dos requisitos para o discipulado. Ele baseia-os principalmente na Lei Mosaica, que era amplamente conhecida na época. Ele começa com o mandamento de *não matar*. ‘Ouvistes que foi dito aos antigos: ‘Não matarás’; e quem matar estará sujeito a julgamento.’⁽⁵⁾ Portanto, se você infringir essa lei, diz o texto, estará sujeito ao julgamento. Jesus concorda plenamente com isso, mas amplia o significado. Ele diz: ‘Quem se irar contra seu irmão estará sujeito ao julgamento.’ Também, qualquer que disser a seu irmão ‘*racá*’, (tolo) será levado ao tribunal.’⁽⁶⁾

O significado é óbvio. Não são apenas as ações, mas também as palavras que levarão às consequências correspondentes. Pois os pensamentos estão por trás tanto das ações quanto das palavras. Nossos pensamentos são as causas dos efeitos que colheremos um dia. É por isso que as palavras levam a consequências tanto quanto as ações. Portanto, se você está com raiva de alguém, você também está ofendendo um irmão, seu próximo, e, na verdade, está tentando causar-lhe algum dano também. Talvez uma pitada de bom senso o impeça, ou talvez o medo da punição o impeça de atacar seu próximo – e isso, por si só, é naturalmente preferível – mas, do ponto de vista da lei cósmica, você ainda assim criou causas que, com o tempo, trarão suas consequências correspondentes.

Pois o que é esse tribunal? É o tribunal judaico? Não, é a harmonia universal, a lei do karma, em virtude da qual toda causa recebe sua consequência apropriada.

Ágape e karma

Ao estender a proibição de matar para incluir a reprovação da raiva e o desprezo pelos outros, Jesus se aprofunda no ensinamento do *ágape*, o amor universal, ou como é chamado no Oriente: *ahimsa*. Isso compreende abster-se de praticar o mal em todas as circunstâncias, de praticar o mal contra *qualquer pessoa*. O Sermão da Montanha reflete lindamente os ensinamentos da *ahimsa*. Não cause

danos ao seu próximo, não apenas em ações, mas também não o faça em pensamentos. E, nesse contexto específico, mostra a relação entre a filosofia da *ahimsa* e a lei do karma.

Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal. Faça isso enquanto ainda estiver com ele a caminho, pois, caso contrário, ele poderá entregá-lo ao juiz, e o juiz ao guarda, e você poderá ser jogado na prisão. Eu garanto que você não sairá de lá enquanto não pagar o último centavo.⁽⁷⁾

É claro que isso não pode ser interpretado literalmente. Se fosse esse o caso, sua vida não estaria segura em lugar algum. Então, estaríamos vivendo em uma ditadura da pior espécie, onde qualquer pessoa poderia simplesmente arrastá-lo para a prisão, se você estivesse *no caminho* com alguém. É claro que o significado é outro.

‘Estar no caminho’, nesse contexto, significa estar vivo, estar manifestado. Se você ainda deve alguma coisa aos seus semelhantes – seu adversário – por causa de acontecimentos do passado, em vidas anteriores, certifique-se de resolver isso. Portanto, seja bondoso. Portanto, redima o mal com o bem.

O juiz aqui é o Eu Superior, o Pai do Céu. Pois quando você ainda estiver em dívida com seus semelhantes, quando ainda não tiver resolvido as causas egoístas do passado, esse Juiz interior o entregará ao seu guarda. A guarda se pode chamar de executores da lei do karma. Esse guarda o lançará na *prisão de uma nova vida pessoal na Terra*. Você terá então que reencarnar novamente.

Você só estará livre quando tiver pago a última dívida, ou seja o último centavo; quando tiver resolvido todas as causas egoístas e pessoais e não tiver mais semeado novas causas pessoais. Daí você entrará no Reino dos Céus.

Adulterio e palavras

‘Ouvistes que foi dito aos antigos’, continua o Mestre Jesus, ‘não cometerás adultério’. Isso, por si só, é uma boa lei, mas só é boa até certo ponto. Pois, lemos adiante: ‘Mas eu vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher com intenção impura já cometeu adultério com ela em seu coração.’⁽⁸⁾

Leo Tolstói, o grande escritor e reformador russo, interpreta essa frase no sentido de que ela também se aplica à sua própria esposa, a mulher com quem você é casado.⁽⁹⁾ Ele defende a castidade mesmo dentro da vida conjugal. Aqui também, o que importa é o espírito e não a letra da lei. Trata-se de manter o foco no lado espiritual da natureza.

Em outras palavras, veja nos seres humanos – sejam eles do mesmo sexo ou do sexo oposto –, antes de tudo, um ser espiritual. Assim, você não terá cobiça física. Os discípulos devem, portanto, levar uma vida celibatária tanto em pensamento quanto em ação, como também era costume nas ordens monásticas budistas. Portanto, aqui se observa um claro eco dos essênios, nazarenos e ebionitas, budistas judeus, que haviam sido convertidos ao budismo pelos missionários do rei Aśoka e que levavam uma vida estritamente celibatária.⁽¹⁰⁾

Em seguida, é abordada a questão dos juramentos.

‘Mais uma vez, ouvistes que foi dito aos antigos: ‘Não jurarás em falso, mas cumprirás ao Senhor os teus juramentos’.⁽¹¹⁾ Essa é mais uma daquelas leis que é verdadeira dentro de seus limites. Jesus a amplia ainda mais: vocês não devem jurar de forma alguma. Aqui também é refletido o exemplo dos essênios, que também nunca faziam juramentos. E isso faz muito sentido, pois deve sempre viver de acordo com a verdade. Toda a sua vida deve ser constantemente dominada pela verdade.

Além disso, a quem ou a que você deveria jurar? Jesus está falando aqui aos discípulos que recorreram ao seu Deus interior, ao seu Eu Superior. Eles não reconhecem autoridade alguma superior a essa.

Não resistam ao mal

A passagem a seguir é tão importante que a estamos reproduzindo aqui, de forma ligeiramente resumida.

Ouvistes que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’.

Mas eu vos digo: Não resistais ao perverso; antes, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.

E, se alguém quiser processar-te para tirar-te a túnica, dá-lhe também a capa. (...)

Ouvistes que foi dito: ‘Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo’. Mas eu vos digo: **Amai os vossos inimigos, abençoai os que vos amaldiçoam, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; pois ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos. Pois, se amardes aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem o mesmo até os publicanos? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis a mais do que os outros? Não fazem o mesmo até os publicanos?**

Sede, pois, perfeitos, assim como vosso Pai que está nos céus é perfeito.⁽¹²⁾

Pode-se dizer que este trecho não admite duas interpretações. Nunca responda ao mal com o mal. Mesmo que os outros sejam hostis a você, não adote a mentalidade deles. Supere o egoísmo, a vingança e a retaliação. Sempre concentre-se nas qualidades nobres dos outros, por mais difícil que isso possa ser, e por mais que eles tenham se desviado do caminho.

Apesar dessa clareza, apenas uma minoria muito pequena de cristãos – no passado e no presente – se dispôs a pelo menos tentar aplicar esse ensinamento. Consequentemente, algumas pessoas sugeriram que esse ensinamento é impraticável e que, se aplicado, resultaria na dissolução da sociedade. Até há teólogos que se entregaram a uma astúcia ridícula e triste para desacreditar o significado. A mais grosseira delas é uma interpretação amplamente aceita chamada de ‘declaração preparatória’. Ela sugere que os requisitos são tão rigorosos que ninguém consegue cumpri-los. Assim, as pessoas ficam mais profundamente conscientes de que são depravadas por natureza e precisam de Jesus, o Cristo, como Salvador para sua salvação. Dessa forma, descarta-se a essência do ensinamento de Jesus. Degrada-se uma profunda verdade ética a uma teoria com a qual se pode se divertir na igreja aos domingos e que, nos outros dias, está desvinculada da prática cotidiana.

No entanto, nesses pensamentos reside o cerne do ensinamento de Jesus, que era o mesmo do Buddha e de todos os mensageiros da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Não diz Lao Tzu que devemos ser bons para com os bons e bons para com os que não são bons, para que se tornem bons?⁽¹³⁾

Esse ensinamento do ágape pode ser compreendido ainda melhor quando se o relaciona com a lei do karma. Não é, portanto, sem razão que essa doutrina da reconciliação está ligada à antiga doutrina do ‘olho por olho e dente por dente’, que aparentemente também era interpretada literalmente naquela época. Se alguém lhe fizer algo mal, então, diz-se, você também pode fazer algo mal a ele.

Essa é a espiral descendente. Isso gera conflitos. ‘Olho por olho’ deixa o mundo inteiro cego. Divide o mundo em campos: russos e ucranianos, israelenses e palestinos, muçulmanos e cristãos, conservadores contra liberais. O ódio divide as pessoas em campos e leva à guerra. O ágape, ou amor impessoal, une as pessoas.

Quando as pessoas, por qualquer motivo, praticam o mal contra o outro, mais cedo ou mais tarde elas mesmas terão de colher o ‘mal’, pois o que você semear, isso colherá. Jesus ensina que devemos reverter essa espiral negativa.

Saiba que, se alguém lhe causar dor, há uma causa para esse sofrimento que você mesmo criou. Seja corajoso e enfrente o que você mesmo provocou.

Além disso, o fato de chamarmos algo de mal depende de nossa mentalidade. A situação em que nos encontramos pode ser dolorosa, mas aqueles que sofrem serão abençoados. O sofrimento é seu amigo, pois pode torná-lo paciente e indulgente. Portanto, não o veja como algo maligno. Tente perceber que o sofrimento que o aflige se deve às suas próprias características, que surgiram de pensamentos e hábitos que você evocou com seu próprio livre arbítrio. Se você estiver imbuído dessa verdade, então não haverá motivo para raiva, nem para retaliação.

Portanto, não resista ao mal. Inverta a espiral. Seja gentil com aqueles que lhe fazem mal. Em seus pensamentos e, consequentemente, em suas ações, procure ajudar aqueles que buscam prejudicá-lo. Não se associando a eles. Não participando de suas transgressões e maldades, mas simplesmente recusando-se a descer ao nível daqueles de quem, eticamente falando, você está atualmente tentando se elevar.

Se você fizer isso – parafraseando as palavras de Jesus – estará consolidando ainda mais a Lei, o Dharma, em toda a sua exaltada universalidade. Você acerta as contas com causas desarmônicas do passado, que contribuíram para que um ser tratasse outro de forma cruel e egoísta. Na verdade, você não adota essa característica, mas coloca outra em oposição a ela: a da universalidade e da fraternidade.

A aplicação do Sermão da Montanha

Apesar da clareza das palavras de Jesus e da autoridade que os cristãos, em particular, atribuem ao seu Mestre e Salvador, praticamente não houve nenhuma tentativa sincera de aplicar os ensinamentos do Sermão da Montanha. Por que isso acontece? Por que as pessoas acham que a sociedade entrará em colapso se não combatemos o mal com o mal? Elas podem acreditar que os ‘malfeitores’, os criminosos, os violentos e cruéis e os ditadores prevaleceriam e acabariam com o que chamam de civilização. Elas estão enganadas.

Em primeiro lugar, essa regra é dirigida principalmente aos discípulos, aqueles que seguem seu Cristo interior e escalaram a montanha simbólica com Jesus, o Mestre da Escola de Mistérios. São seres humanos que se dedicaram plenamente ao caminho da compaixão e estão dispostos a arcar com todas as suas consequências.

Mas observe que todos aqueles que se dizem cristãos devem ter a intenção de escalar essa montanha também e,

portanto, pelo menos *tentar* aplicar os princípios éticos do Sermão da Montanha. Se acharem que isso é inviável, que tomem como exemplo Mohandas Gandhi, Martin Luther King e aqueles budistas, muçulmanos, cristãos, hindus e ateus desconhecidos que comprovam a viabilidade disso na prática de suas vidas cotidianas.

Em segundo lugar, o mandamento de ‘não resistir ao mal’ não significa cooperar com ele, nem tolerá-lo. Em nossa opinião, essa nunca pode ser a intenção. Quando Lao Tzu diz que você deve ser bom com os maus, ele não quer dizer que você deva ceder a eles e deixá-los fazer o que bem entendem. Se você fizer isso, não estará sendo bom com eles. Se você deixar um criminoso agir à vontade, estará fortalecendo o mal no mundo. E a tarefa do discípulo é também proteger seus semelhantes.

Antes de seu apelo à não-violência, Jesus diz que a justiça buscada pelos discípulos supera a dos hábitos do mundo: ‘Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos céus’.⁽¹⁴⁾

É por isso que eles devem buscar a justiça universal. E, é claro, isso não se faz se dermos rédea solta ao malfeitor. Os discípulos devem, portanto, proteger a sociedade. Mas será que se faz isso aplicando os mesmos ‘métodos’ usados pelo malfeitor? Esse tipo de pensamento leva à vingança, à justiça retributiva, à pena de morte. Leva sempre a ainda mais injustiça.

Portanto, trata-se sempre de amar as pessoas, ajudá-las e inspirá-las. Dar esmolas também deve ser visto sob essa perspectiva. E devemos fazer isso em silêncio, sem nos vangloriarmos, pois ‘não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita’.⁽¹⁵⁾ Afinal, trata-se de amor universal, e aqueles que o invocam em seus corações se esquecem de si mesmos.

O amor universal não conhece distinções. Ele se dirige tanto ao criminoso quanto à vítima. A única questão é: como fazer isso? Você ajuda o criminoso deixando-o agir à sua maneira? Não, pois assim você apenas reforça certas características que, de qualquer forma, o levarão a problemas. Você o ajuda tratando-o com rancor? Não, pois assim você está se rebaixando ao nível dele.

Portanto, o objetivo não é punir o malfeitor. É melhor deixar a punição a cargo da natureza imparcial, do karma. Em virtude dessa lei, toda causa é levada à conformidade com a consequência apropriada.

O que deve ser feito, então?

Em primeiro lugar, proteger a sociedade, ou seja, afastar temporariamente o ladrão da sociedade, se necessário. E, em seguida, fazer com que esse ladrão ou assassino perceba

que está indo contra a legalidade da natureza e, portanto, mudar certas características nele.

Você promove esse processo de mudança ao perdô-lo e ao responder ao egoísmo dele – pois essa é a fonte de todos os crimes – com altruísmo. Se fizermos isso, haverá muito menos crimes no mundo, e os grandes conflitos e guerras serão coisa do passado.

De fato, é essa característica que pode pôr fim à guerra, à violência e à desarmonia que existe entre as pessoas. Jesus não era tolo, nem estava desiludido com o mundo, ao confiar essa orientação aos seus discípulos.

É claro que ele também sabia que essas características não podem ser desenvolvidas simplesmente indo a um culto na igreja ou lendo um artigo teosófico. Devemos refletir sobre esses pensamentos, meditar neles. Devemos nos considerar um raio do nosso Deus interior, por meio do qual podemos começar a nos lembrar de nossas qualidades divinas.

Um exercício de meditação desse tipo é a Pai nosso. Abordaremos isso no terceiro artigo desta série.

Referências

1. Mateus 5:13
 2. Mateus 5:14
 3. Mateus 5:15
 4. Mateus 5:16
 5. Mateus 5:21
 6. Mateus 5:22
 7. Mateus 5:25-26
 8. Mateus 5:27-28
 9. L. Tolstói, *A Sonata de Kreutzer*, capítulo 11. Tolstói explicou sua própria novela em: *Reflexões sobre o Casamento - Posfácio e Explicação da Sonata de Kreutzer*.
 10. Ver ‘O Sermão da Montanha, parte 1’, em *Lúcifer o Portador da Luz*, no. 2, Abril 2026
 11. Mateus 5:34
 12. Mateus 5:38-48
 13. Lao Tse, *Tao Te Ching*
 14. Mateus 5:20
 15. Mateus 6:3
-



Planetário Eise Eisinga, Franeker, Os Países Baixos.

A astrologia pode prever o futuro?

Sobre astrologia, parte 5

Ideais-chave

- » O que colhemos como destino, de acordo com a lei de causa e efeito, nós mesmos semeamos por meio dos pensamentos e ações que tivemos e realizamos no passado.
- » As previsões são possíveis até certo ponto porque todos os processos no Cosmos vivo têm uma causa e são cíclicos.
- » Nosso futuro é determinado pela combinação de ciclos cósmicos, pelas leis de causa e efeito e pela nossa própria receptividade a certas influências cósmicas.
- » Para muitos, o conhecimento prévio é um fardo, e não uma vantagem.
- » Todas as influências cósmicas podem ser utilizadas por nós tanto de forma harmoniosa quanto desarmonica.

Os astrólogos de hoje conseguem fazer previsões confiáveis? O que, de fato, determina nosso futuro? E qual é a utilidade de ter algum conhecimento prévio sobre os eventos futuros em sua vida?

O que determina nosso destino?

A origem de tudo o que nos acontece pode ser explorada e compreendida a partir dos conceitos básicos da Sabedoria Universal e de nossas próprias experiências. Um desses conceitos básicos é: o Cosmos é uma grande entidade viva, que é a expressão de uma Unidade subjacente. Tudo o que está vivo – e não há nada no Cosmos que não esteja vivo – é, por essa razão, essencialmente UM. Todos os seres estão, portanto, essencialmente interconectados em um todo, em uma grande ‘teia da vida’.

E com essa imagem em mente, podemos compreender como funcionam causa e efeito. *Por meio de nossas escolhas e ações, afetamos continuamente o equilíbrio cósmico:* a teia da vida na qual somos um nó. Em termos figurativos: quando pressionamos um ponto de uma cama d’água, ela se eleva em outro lugar. Sempre há equilíbrio. E o Todo abrangente, que tem a unidade, que tem como tema central a unidade e a harmonia, responde a cada ação com uma reação contrária de caráter igual

e também de força igual. A isso chamamos de ‘karma’: a lei da restauração da harmonia, que restabelece o equilíbrio perturbado. A causa plantada leva a uma consequência na vida de quem a causou. Colhemos, na forma de nosso destino, o que semeamos em fases anteriores por meio de nossos pensamentos e ações. E certamente não estamos falando apenas de situações desarmonicas, mas também de todos os eventos neutros ou harmoniosos em nossas vidas, por exemplo, quando recebemos ajuda ou dicas muito valiosas de nossos semelhantes.

Em parte, podemos reconhecer a conexão entre as causas que plantamos e as consequências resultantes em nossas vidas. Mas, em parte, também não, pois a maioria de nós não tem conhecimento das causas que semeamos em vidas anteriores. Em todos os casos, mais cedo ou mais tarde, ocorre o restabelecimento do equilíbrio. Nesse aspecto, nossas encarnações podem ser comparadas a dias sucessivos: o que fazemos hoje afeta nossos dias futuros.

Assim, podemos compreender nosso

destino: nós mesmos plantamos as causas de todas as situações em que nos encontramos, pois essas situações são as consequências lógicas do que pensamos e fizemos – ou deixamos de fazer – no passado. E é exatamente por isso que podemos aprender muito com elas. Afinal: todo ser possui livre arbítrio. *Sempre podemos escolher como reagir a tudo o que vivenciamos.* Esse é um ponto essencial. O fato de a lei de causa e efeito (karma) funcionar de maneira impecável é muito encorajador e nos permite conduzir nossas próprias vidas. De fato, podemos começar a semear causas mais nobres a cada dia e, assim, colher deliberadamente situações de crescente cooperação mútua e cumprimento dedicado de nossos deveres.

Assim, à luz do nosso tema ‘previsão’, sabemos com certeza que toda causa que semeamos leva a uma consequência *com a mesma característica*. Que forma essa consequência assumirá e quando ocorrerá (e em combinação com quais outras consequências) é outra questão. Voltaremos a isso neste artigo.

Uma das conclusões que podemos tirar do exposto é: se você deseja um destino mais harmonioso para seus semelhantes e para si mesmo, não ‘espere até que os planetas estejam em uma posição mais favorável’, pois nós mesmos somos os criadores do nosso destino. Uma segunda conclusão é: nosso destino está sempre completamente entrelaçado com o destino de nossos semelhantes. Para aqueles que gostariam de se aprofundar na explicação teosófica do karma, recomendamos a literatura teosófica.⁽¹⁾

Por que é possível, até certo ponto, prever o futuro?

Essa, é claro, é a ‘questão-chave’ deste tema. Afinal, a previsão é possível? Se partirmos do fato de que todo o Cosmos é uma comunidade de seres vivos, em que cada um passa constantemente de uma fase de crescimento para outra e, portanto, altera (ligeiramente) suas características

a cada segundo, então compreendemos a importância dessa questão.

Então, por que podemos prever, afinal? *Porque todos os processos no Cosmos vivo são cíclicos. Eventos e situações retornam ciclicamente.* Vemos isso claramente ao nosso redor. Amanhã de manhã, o sol nascerá novamente no leste, visto da nossa posição. Na próxima primavera, os açafreiros voltarão a brotar do solo. E também em nossa sociedade, marcamos inúmeros compromissos que nos permitem saber com considerável certeza que, às 9h da manhã de amanhã, a maioria dos funcionários de uma organização estará de volta ao trabalho, ou que poderemos assistir ao noticiário na televisão em intervalos regulares.

Mas nenhum ciclo é exatamente igual ao anterior na série. Cada ciclo tem uma ênfase um pouco diferente. Isso ocorre porque todos os seres crescem mais ou menos em sua consciência, dependendo das escolhas que fazem. Este ano, por exemplo, um agricultor plantará determinada cultura novamente no mesmo mês do ano, mas, com base em suas experiências do ano anterior, talvez de uma forma que prometa melhores resultados ou seja mais ecológica. Todos os seres têm a oportunidade, a cada ciclo, de expandir sua consciência e reformar as coisas – ou, caso contrário, podem optar por manter seus velhos hábitos.

Embora não pensemos muito nisso, um fator importante para o funcionamento harmonioso de uma família, de uma organização ou de um país baseia-se no fato de que os participantes *cooperam voluntariamente com o curso cíclico de todas as coisas na Natureza*. Felizmente. Como seres humanos, estamos fundamentalmente conectados a toda a humanidade e, portanto, *devemos* cooperar com inúmeras outras pessoas. Se não o fizermos, geramos desarmonia. Suponha que cada funcionário de uma organização pudesse decidir, de repente: ‘Ah, estou com vontade de ir para Paris agora, então vou pedir demissão.’ Nesse caso, ele não seria de nenhuma utilidade para seus colegas. Ou se todos os padeiros de um país pudessem decidir todas as manhãs se iriam fornecer pão ou não. Isso, é claro, teria consequências desastrosas.

Previsão e livre arbítrio

Nossa capacidade de prever eventos futuros quase sempre se limita a uma previsão em linhas gerais. Prever detalhes precisos costuma ser impossível, entre outras causas, porque todo ser possui algum grau de livre arbítrio. Se amanhã algumas chuvas passarem pelo nosso país, podemos traçar um panorama geral sobre isso. Mas não é possível prever exatamente onde a chuva cairá e como cada



pessoa reagirá a ela. Podemos até *nós mesmos* não ter certeza se, naquele dia, vamos vestir nossa capa de chuva e ir de bicicleta para o trabalho ou, afinal, pegar o carro.

Quanto aos seres *cósmicos*, eles evoluem ao longo de períodos de tempo tão longos que sua influência característica, do nosso ponto de vista humano, permanece sempre a mesma: também no futuro. É claro que a posição de todos os planetas, vista da Terra, está sempre mudando. Por isso, experimentamos uma combinação de influências em constante mudança. Mas cada um desses seres planetários mantém sua característica única nesse processo, assim como todos os signos do zodíaco.

No entanto, mesmo aqui há um pequeno elemento de imprevisibilidade. Por exemplo, a duração de uma órbita da Terra ao redor do Sol pode acabar sendo alguns milissegundos diferente do esperado. Isso é uma manifestação do livre arbítrio do ser planetário Terra. Esses desvios não podem ser previstos.

O fato de as características dos seres cósmicos parecerem ‘imutáveis’ para nós, aliás, não é motivo para qualquer fatalismo. Nós, seres humanos, possuímos um livre arbítrio fundamental que nunca nos pode ser tirado, e é por isso que podemos *aprender a controlar e direcionar* as influências cósmicas: as estrelas influenciam, mas não obrigam. Isso exige que monitoremos ativamente nosso próprio pensamento e, quando necessário, mudemos certos padrões de pensamento.

Listamos alguns exemplos de ciclos cósmicos no quadro abaixo.

Quando é que enfrentamos as consequências do que pensamos e fizemos no passado?

Cada pessoa cria seu próprio destino, como já dissemos. Nosso destino não é resultado do ‘acaso’ ou da predestinação. Mas *quando*, no futuro, as causas kármicas que criamos se manifestam?

Isso é determinado pela combinação dos ciclos cósmicos e de nossos próprios estágios internos de crescimento. Ambos os processos (cíclicos) estão, na verdade, intimamente entrelaçados, mas, para fins de nossa explicação, vamos discutí-los um por um a seguir.

Nós, seres humanos terrestres, vivemos dentro dos campos de influência dos seres planetários do nosso Sistema Solar e das constelações do zodíaco. A combinação das posições relativas desses seres cósmicos determina, a cada momento de nossas vidas, a *característica* do campo de força no qual vivemos. E essa característica determina quais aspectos de nossa consciência podem facilmente vir à tona naquele momento (por estarem relacionados a essa característica) e quais, ao contrário, tendem a permanecer latentes (por serem de natureza diferente). Em termos de horticultura, os ciclos cósmicos determinam ‘o tipo de solo e a quantidade de luz e calor’ durante um determinado período. E sabemos que, em cada tipo de solo, germinarão e crescerão facilmente precisamente aquelas plantas que se sentem à vontade nele. O mesmo se aplica aos seres humanos. Colhemos as consequências de certas sementes de pensamento específicas quando as condições se tornam favoráveis para essas sementes e quando essas sementes de

Exemplos de ciclos cósmicos

Quais ciclos cósmicos são importantes para nós, como humanidade terrestre? Todos esses são ciclos que expressam os processos evolutivos subjacentes do nosso Sistema Solar. Ciclos como o dia, o ano e o século são muito mais do que unidades mensuráveis de tempo: são *estágios evolutivos* de consciência, períodos internos de crescimento.

Cada ciclo pode ser visto como uma escola de aprendizado que oferece oportunidades especiais.

Existem muitos ciclos cósmicos, todos ocorrendo em paralelo. Exemplos são: hora, semana, mês lunar, ano solar e períodos de 5, 7, 10, 12, 60, 100, 360, 2.140, 5.040 e 25.920 anos.⁽²⁾ E há muitos outros, alguns deles com duração muito maior. Esses processos *internos* se expressam em movimentos cíclicos *externos*, como a rotação da Terra em torno de seu próprio eixo (vinte e quatro horas), a órbita da Lua em torno da Terra (mês), a órbita da Terra em torno do Sol (1 ano) e o movimento de precessão do eixo da Terra (25.920 anos).

Um dos ciclos mais importantes para nós, seres humanos, é o ciclo de 60 anos. Após 60 anos, todos os planetas sagrados do nosso sistema solar voltam a estar na mesma posição. É também por isso que ele constitui a base dos calendários chinês e babilônico, entre outros.

Um ponto importante é: como esses ciclos são manifestações de *estágios evolutivos da consciência*, cada ciclo sucessivo ocorre em um nível mais desenvolvido - desde que os seres envolvidos tenham de fato aproveitado essas oportunidades para o crescimento interior. Os ciclos são sempre ‘espirais’!

Outro exemplo: por termos agido com impaciência em determinada situação, nos metemos em um problema. Com isso, aprendemos a lição de sermos mais pacientes daqui em diante. Tanto a ‘semente da impaciência’ quanto a ‘semente da mudança’ permanecem latentes por um tempo, até que, de repente, nos vemos em uma situação em que precisamos urgentemente praticar a paciência. Então, nos deparamos com os resultados da impaciência anterior, mas também nos lembramos da nossa promessa de nos tornarmos mais pacientes. Em todas essas situações, temos a oportunidade kármica de superar tal tendência. Resumindo: a manifestação das consequências kármicas depende tanto dos ciclos cósmicos quanto dos nossos próprios ciclos de crescimento interior.

Quais são as formas de astrologia preditiva existentes?

Os métodos astrológicos de previsão baseiam-se todos no conhecimento dos ciclos celestes, nas leis de causa e efeito e na suscetibilidade de cada um a certas influências cósmicas. No que diz respeito aos primeiros, cada influência ou força celestial possui uma determinada *magnitude ou intensidade*, bem como uma determinada *direção* para a qual essa influência ou força se dirige. Duas influências cósmicas opostas podem se neutralizar mutuamente. Ao levar em conta tanto a magnitude quanto a direção das diversas influências, o efeito total de todas as influências cósmicas pode ser mapeado pelo astrólogo.

Mencionaremos agora três métodos de previsão utilizados pelos astrólogos atuais – sem pretender esgotar o assunto.

Método (a): calcular a posição futura dos corpos celestes e compará-la com o mapa astral de uma pessoa.

Com base nas observações astronômicas realizadas ao longo dos últimos séculos, é possível prever com precisão a posição de todos os planetas e estrelas em uma determinada

January 2026

Tropical Midnight Ephemeris

Time Zone: EST (05:00 East)

Day	Th	U	♊	+12 Hr	Th	U	♋	♌	♍	♎	♏	♐	♑													
01	10	45:02	♈	53:07	17	21:48	10	56:28	25	58:09	09	25:51	12	51:51												
02	Fr	11	48:00	24	53:02	02	24:44	10	46	00:30	10	44	13	27	21	12	26	14	27	55	29	31	02	45		
03	Sa	12	49:07	09	53:59	17	20:07	10	37	02:02	11	59	14	23	37	21	12	26	14	27	55	29	32	02	47	
04	Su	13	50:15	24	42:01	01	45:58	10	28	33:33	13	15	09	20	56	26	22	22	52	39	33	03	24	00		
05	Mo	14	51:23	09	42:04	16	14:02	10	22	05:07	14	30	15	55	20	48	26	25	27	50	29	34	02	51		
06	Tu	15	52:31	23	11:31	00	01:58	10	19	06:41	15	46	16	41	20	40	26	29	27	49	29	35	02	53		
07	We	16	53:39	06	49:45:23	13	21:56	10	17	08	14	17	01	17	28	20	32	26	34	27	48	29	36	02	55	
08	Th	17	54:47	19	51:56	26	15:48	10	17	09	48	18	01	18	14	20	24	26	38	27	46	29	37	02	56	
09	Fr	18	55:55	02	43:44	08	47:12	10	11	11	23	32	19	00	20	16	26	42	27	45	29	38	02	58		
10	Sa	19	57:03	14	55:55	21	00:49	10	20	12	57	20	47	19	40	20	56	46	27	44	29	33	03	24	00	
11	Su	20	58:11	27	02:04	03	01:47	10	19	14	33	22	03	20	33	20	00	26	50	27	42	29	40	03	02	
12	Mo	21	59:19	08	59:07	14	55:10	10	18	16	08	23	18	21	19	19	52	26	55	27	41	29	41	03	04	
13	Tu	22	00:27	20	50:31	26	45:43	10	14	17	44	24	34	22	06	19	43	26	59	27	40	29	42	03	06	
14	We	24	01:35	02	41:16	08	37:36	10	08	19	21	25	49	22	52	19	35	27	40	27	39	29	43	03	08	
15	Th	25	02:43	14	35:07	20	34:12	10	00	20	58	27	05	23	39	19	27	09	27	39	27	38	29	44	03	10
16	Fr	26	03:51	26	35:07	02	38:08	09	43	24	14	28	20	14	28	20	13	27	37	29	37	29	45	03	12	
17	Sa	27	04:58	08	43:07	14	51:09	45	24	14	28	36	25	12	19	11	18	17	36	29	47	47	47	47	47	
18	Su	28	06:05	21	01:35	27	14:33	09	33	25	02	00:51	25	58	19	03	27	23	27	29	29	48	03	15		
19	Mo	29	07:11	03	30:16	09	48:44	09	28	27	32	02	07	26	45	18	56	27	34	24	29	49	03	17		
20	Tu	00	08:17	16	09:59	22	34:03	09	24	29	11	03	22	27	32	18	48	27	33	27	33	29	51	03	19	
21	We	01	09:22	29	00:57	05	40:30	45	21	00	08	52	37	37	28	18	40	47	38	27	33	29	52	03	21	
22	Th	02	10:28	12	03:30	18	39:14	09	21	02	32	05	53	29	18	15	08	32	27	44	27	32	29	53	03	23
23	Fr	03	11:29	18	02:07	00	00:09	04	04	07	08	14	20	28	18	17	08	40	27	40	27	33	29	54	03	25
24	Sa	04	12:32	08	45:59	15	34:15	09	23	05	06	28	24	00	08	38	18	17	54	27	31	29	56	03	27	
25	Su	05	13:39	22	26:29	29	22:14	09	25	07	38	09	39	01	25	18	20	00	27	30	29	58	03	29		
26	Mo	06	14:43	06	23:13	13	24:15	09	25	09	21	54	02	12	08	22	08	25	27	30	29	59	03	31		
27	Tu	07	15:52	20	30:19	27	39:27	09	24	11	05	12	10	02	59	17	55	28	11	27	29	00	01	03	33	
28	We	08	16:58	04	31:12	12	05:33	09	22	12	49	13	25	03	46	17	48	16	27	29	00	02	03	35		
29	Th	09	17:57	19	21:52	26	38:09	09	24	14	40	14	20	28	22	27	28	04	27	29	00	04	03	36		
30	Fr	10	18:53	03	56:07	11	13:13	09	15	16	19	15	56	05	20	17	34	28	27	29	00	05	03	38		
31	Sa	11	19:17	18	29:06	25	42:36	09	10	18	05	17	11	06	07	17	27	28	34	27	28	00	07	03	40	

Planetary Data

Lunar Ingresses & Void Moons

Phases & Eclipses

Ingresses	Day	Time	Ingresses	Day	Time	Void Times	Last Aspect
♈	1	4:10 PM	♈	29	6:58 AM	31	7:24 AM ♋ ♏
♉	17	7:43 AM	♉	31	8:13 AM	4	7:20 AM ♏ ♏
♊	19	8:44 PM	♊	2	8:09 AM	8	8:03 AM ♏ ♏
♋	20	11:40 AM	♋	4	8:43 AM	6	8:04 AM ♏ ♏
♌	23	4:16 AM	♌	6	11:57 AM	8	6:23 PM ♏ ♏
♍	26	12:36 PM	♍	8	7:06 PM	10	12:55 PM ♏ ♏
			♍	11	5:56 AM	13	5:59 PM ♏ ♏
			♍	13	6:34 PM	16	6:19 AM ♏ ♏
			♍	16	6:47 AM	18	4:57 PM ♏ ♏
			♍	18	5:18 PM	20	9:17 PM ♏ ♏
			♍	21	1:50 AM	23	8:18 AM ♏ ♏
			♍	23	8:26 AM	24	4:36 PM ♏ ♏
			♍	25	1:06 PM	27	12:58 PM ♏ ♏
			♍	27	3:55 PM	29	2:57 PM ♏ ♏
			♍	29	5:32 PM	31	4:52 PM ♏ ♏

Lunar Phases	Day	Time
☾ 3.502 AM ☾ 13:002	10	10:49 AM ☾ 20:025
☾ 18	2:52 PM ☾ 28:044	
☾ 25	11:48 PM ☾ 06:514	

Solar Eclipses	Day	Time
~ None ~		

Lunar Eclipses	Day	Time
~ None ~		

As posições relativas do Sol, dos planetas e das estrelas podem ser previstas com grande precisão (embora não com 100% de exatidão). Os astrólogos têm à sua disposição tabelas para esse fim, chamadas de 'efemérides'.

hora, em um determinado dia no futuro. Quanto mais longe se olha no futuro, mais a precisão diminui, mas para previsões dos próximos anos é possível partir desse pressuposto com segurança. Isso significa que é possível determinar a combinação de influências cósmicas naquele momento futuro com bastante precisão.

Mas ainda não chegamos lá. Só podemos vivenciar as influências dos seres estelares e planetários cujo caráter corresponda a algo em nosso próprio caráter. Pois somente assim essa influência ressoa em nós. Somente assim ela evocará uma emoção, inclinação, aspiração ou compreensão em nós (dependendo da natureza da influência).

Portanto, uma previsão para uma pessoa específica depende diretamente de: quão receptiva essa pessoa é a essas influências? Para dar um exemplo simples: não é tão difícil prever que uma pessoa altamente emocional ficará inquieta na próxima lua cheia. E se ela também tiver tendência à depressão, esse período da lua cheia será um momento sombrio para ela. Mas uma pessoa também pode ter um caráter tal que essa mesma influência não a afete de forma alguma e, portanto, passe completamente despercebida por ela.

Um astrólogo pode estimar *aproximadamente* o caráter de

uma pessoa (e, portanto, sua receptividade) analisando seu mapa astral, que, afinal, reflete suas características no momento do nascimento. Se no horóscopo de uma pessoa Saturno e Júpiter estiverem em conjunção, e no dia a ser previsto também houver uma conjunção desses dois planetas, isso geralmente exercerá uma influência muito grande em sua vida. Mas trata-se de uma estimativa *aproximada*, pois uma pessoa pode ter evoluído em sua consciência, nesse intervalo, de tal forma que se tornou mais ou menos sensível a essa influência característica. Além disso, há sempre a possibilidade de que alguém sinta essa influência cósmica intensamente, mas, mesmo assim, reaja a ela de maneira bem diferente do que faria normalmente, fazendo uso de seu livre arbítrio.

Na prática, esse método parece levar a previsões realistas, pois a maioria das pessoas não muda seus padrões habituais muito rapidamente. É claro que sua confiabilidade depende sempre das habilidades do astrólogo.

Método (b): trata-se do mesmo princípio do (a), mas utilizando a ideia de que os anos de nossa encarnação atual se refletem nos primeiros dias após nosso nascimento.

A ideia é a seguinte: as posições celestes durante as primeiras 24 horas nos dizem algo sobre nosso primeiro ano de vida; as posições durante as próximas 24 horas nos dizem algo sobre nosso segundo ano, e assim por diante.

Esse método também parece levar a certas pistas reconhecíveis. Na verdade, o astrólogo aqui utiliza o princípio hermético (e teosófico): como acima, assim abaixo. Considere: durante um período de vinte e quatro horas, à medida que a esfera terrestre gira uma vez em torno de seu eixo, todos os doze signos do zodíaco aparecem, um por um, no céu. E durante um ano, à medida que a Terra percorre sua órbita ao redor do Sol, o Sol aparece sucessivamente em cada um desses doze signos. Portanto, parece haver alguma analogia. Isso implica que os primeiros dias de nossa vida exterior oferecem uma espécie de ‘antevisão’, um ‘acorde inicial musical’ de nossa próxima encarnação.

O Método (c) inclui várias técnicas diferentes de previsão, todas baseadas na ideia de que cada ciclo natural tem um ‘planeta regente’ e/ou um ‘signo regente’.

Esses métodos são chamados *técnicas dos Senhores do Tempo*. Em uma de suas variantes, cada ano de nossas vidas é interpretado a partir do papel dominante de uma das doze Casas.

A ideia básica por trás disso também a encontramos nos ensinamentos teosóficos. Assim, G. de Purucker deixa claro que cada hora do dia está sob a ‘supervisão’ especial e a ‘influência característica’ de um dos sete planetas sagrados. E que o planeta sagrado que dá início a um ciclo de vinte e quatro horas – que é o planeta que rege a primeira hora daquele dia – deixa sua marca em todo aquele dia. De fato, os nomes dos dias da semana, em quase todas as culturas, são um exemplo marcante disso: cada um dos sete dias leva o nome de um dos planetas sagrados, em uma sequência universalmente aceita.*⁽³⁾

Mesmo quando falamos de ciclos muito mais longos na evolução da humanidade, esse princípio se aplica: por exemplo, um signo do zodíaco é dominante durante cada período de 2.160 anos. Isso também é de conhecimento geral. Com base nesse conhecimento, entramos recentemente na Era de Aquário.

Ao aplicar essas técnicas dos Senhores do Tempo, no entanto, devemos compreender que nós, como seres humanos, não nos tornamos repentinamente pessoas diferentes ‘porque um novo ciclo cósmico se inicia’, por exemplo, o ciclo de Aquário de 2.160 anos. Afinal de contas: nada muda em nosso caráter, nada se torna mais nobre em nossa maneira de pensar e reagir, a menos que nós, *por nossa própria força de vontade*, troquemos aqueles hábitos que consideramos eticamente ou razoavelmente ‘abaixo do padrão’ por hábitos mais verdadeiros e compreensivos. Toda reforma de caráter é feita por esforço próprio, nunca por forças externas, embora estas últimas possam, às vezes, ser estimulantes. Sempre cabe a nossa livre escolha como respondemos às influências cósmicas, que são sempre neutras: entramos em ressonância com os aspectos universais e benéficos da influência, ou com os aspectos egoístas e instintivos dela?

Quão confiável é a astrologia moderna?

Abordamos essa questão em todos os artigos de nossa série sobre astrologia, pois se trata de um ponto muito importante. Todos os astrólogos atuais, de qualquer tradição cultural, que não sejam membros iniciados da Loja da Sabedoria e da Compaixão, conhecem apenas parte de todos os ciclos cósmicos e, em geral, compreendem pouco ou nada da evolução *espiritual* dos seres cósmicos e humanos. Quem sabe, por exemplo, que cada ser humano

* O português é uma exceção nesse aspecto, pois os dias – com exceção do sábado e do domingo – são nomeados de acordo com os dias de feira.

também possui um zodíaco de doze signos, como abordamos na parte 2 da série, e o que isso significa? ⁽⁴⁾

Os grandes Sábios, os iniciados, podem fazer previsões com relativa precisão – se assim o desejarem. Os astrólogos modernos só conseguem fazer previsões gerais e não muito à frente no futuro. Para dar um exemplo prático: um bom astrólogo moderno poderia prever, antes do ano de 2020, que aquele ano começaria com uma perturbação mundial, mas não poderia dizer com antecedência que seria uma epidemia viral (Covid-19) e exatamente quais consequências práticas ela traria nos diversos países (psicológicas, econômicas, médicas).

Será que os Mestres espirituais estão tentando prever o que vai acontecer no futuro?

Os grandes Sábios, aqueles que, movidos pela compaixão, sacrificaram seus próprios interesses para poderem trabalhar pelo bem-estar de toda a humanidade, uniram-se para formar uma aliança muito estreita: a *Loja da Sabedoria e da Compaixão*. Eles desenvolveram de forma tão intensa sua capacidade de compreensão e, por isso, possuem um conhecimento tão profundo das leis do Cosmos e da história da humanidade, que podem prever com precisão como todos os acontecimentos atuais da humanidade se desenrolarão no futuro. Por exemplo, esses Sábios podem prever quais grupos de pessoas reencarnarão na Terra em quais períodos, e assim, quando as culturas do passado renascerão.

Ao fazer isso, eles também fazem uso de seu conhecimento da astrologia antiga, sobre a natureza das esferas cósmicas? A respeito disso, os mestres de H.P. Blavatsky nos disseram o seguinte: *sim, eles de fato o fazem*, mas sempre e somente para o benefício da humanidade; por exemplo, para poder preparar a humanidade, na medida do possível, antes mesmo do início de algum novo ciclo, de modo que o novo ciclo se torne menos perigoso para as pessoas. H.P. Blavatsky escreve em *A Doutrina Secreta* sobre um livro no qual são descritos os acontecimentos da humanidade para os próximos 5.000 anos. ⁽⁵⁾ Esse livro, escreveu ela em 1888, estava quase concluído. G. de Purucker explicou que os Iniciados podem fazer previsões muito confiáveis com base em seu profundo conhecimento dos ciclos cósmicos e das relações matemáticas entre a consciência humana e esses ciclos. ⁽⁶⁾

Quão útil é a astrologia preditiva, de modo geral?

Quem se interessa por astrologia costuma recorrer à astrologia preditiva com bastante frequência. *Quão útil ela é?* É

legítimo fazermos essa pergunta. Essa pergunta se justifica, nem que seja porque todos conhecem pessoas que vivem suas vidas de maneira controlada, ponderada e atenta, que compreendem como as coisas funcionam em nossa sociedade e, portanto, podem dar contribuições valiosas à comunidade, sem recorrer a previsões astrológicas. E, ao perguntarmos se o conhecimento prévio do futuro é útil, obviamente não estamos falando dos inúmeros hábitos práticos e úteis, como ‘no nosso país, todos os carros dirigem pela direita (ou pela esquerda)’. Pois esse tipo de conhecimento prévio é claramente indispensável para que uma sociedade funcione bem.

A questão é: saber com antecedência a natureza (aproximada) do que nos espera pode facilmente nos levar a encarar esses possíveis eventos através de lentes coloridas, através das lentes de nossas visões pessoais e emoções atuais e limitadas. Construímos imagens do futuro previsto que podem não estar corretas de forma alguma. E tenderemos a basear nosso comportamento atual nessas premissas falsas. Ao passo que também podemos abordar todos os eventos da vida com a *mente aberta*, simplesmente no momento em que eles ocorrem.

Portanto, a grande questão é: como *interpretamos* uma previsão? É aí que reside a armadilha. Quem ainda pensa a partir de considerações que giram em torno de seu próprio bem-estar pessoal interpretará rapidamente as influências neutras (!) dos planetas e signos a partir de seu ponto de vista egocêntrico e passará, por exemplo, a ter medo de um evento ou, ao contrário, a ser cegamente otimista. Já, do ponto de vista espiritual, cada evento é uma oportunidade de significar algo para os outros e de nos tornarmos um pouco mais sábios.

Um desafio semelhante se apresenta aos próprios astrólogos: como eles descrevem suas previsões aos clientes? Os

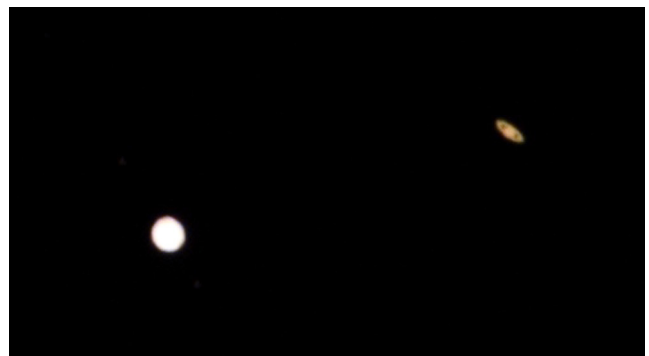


Foto de Júpiter e Saturno. Legenda: Foto da conjunção iminente entre Júpiter (à esquerda) e Saturno (à direita), ocorrida em 21 de dezembro de 2020 (vista da Terra). A conjunção desses dois planetas quase sempre anuncia mudanças significativas no mundo. Não é fácil prever exatamente quais serão essas mudanças.

astrólogos interpretam – da melhor ou da pior maneira possível – as posições celestes à sua maneira, e não é fácil não atribuir a elas qualquer conotação pessoal. Eles também podem se sentir tentados, por solicitação dos clientes, a se concentrar no que uma influência cósmica pode significar para o lado mais externo da vida daquela pessoa: para seus bens, seus relacionamentos, suas emoções, seu sucesso externo na sociedade.

Na prática atual, tais previsões muitas vezes despertam pensamentos e ações egoístas no cliente. Já a pessoa sábia sabe que as situações que inicialmente percebemos como ‘difíceis’ ou até mesmo ‘críticas’ muitas vezes acabam sendo os maiores estímulos para aprofundar nossa visão e compaixão, tornando nossas vidas mais harmoniosas, serenas e pacíficas. Em retrospecto, esses períodos difíceis acabam se revelando experiências espiritualmente mais valiosas do que os períodos em que tudo parece correr bem. *Por essas razões, para a maioria das pessoas, o conhecimento prévio do futuro não é uma vantagem, mas um fardo: moral e psicologicamente.*

Em resumo, todos os tipos de influências cósmicas (e suas combinações) são neutras, por mais poderosas que sejam. Uma não é ‘boa’, a outra não é ‘ruim’. A escolha é: você pode usá-las em seu próprio benefício ou em benefício de toda a comunidade.

Como veremos o futuro se partirmos da lei de causa e efeito?

O que muda na sua visão do futuro quando você pensa a partir dos princípios básicos da Sabedoria Universal, a partir da lei de causa e efeito?

Você então percebe que seu futuro é o resultado estritamente lógico e justo da natureza das relações que você estabeleceu com seus semelhantes no passado. Seu futuro nunca é algo estranho a você. Você percebe que tudo o que acontece com você constitui o *campo de ação kármico*, no qual lhe são oferecidas oportunidades valiosas para conferir à desarmonia atual um caráter mais harmonioso e para aprofundar e ampliar a harmonia presente.

Seu destino é, portanto, sua escola espiritual e moral de aprendizado, bem como o lugar onde residem seus deveres atuais para com a comunidade. Podemos nos tornar mais sábios a cada dia. Em um sentido mais profundo, cada dia do qual não extraímos nada de valor duradouro é um dia perdido.

Para viver dessa maneira, você precisa ter conhecimento prévio de certos acontecimentos? Não, pela simples razão de que, como mencionado acima, você pode encarar cada

dia com a *mente aberta*. E, por *mente aberta*, entendemos aqui, principalmente, uma visão desimpedida, aberta à luz da sua consciência, ao seu pensamento racional e ao seu amor por tudo o que vive: uma visão o menos possível influenciada por pressupostos pessoais, medos e ilusões. Quem enxerga assim cada dia, cada encontro com seus semelhantes, cada situação, recorre continuamente ao seu próprio Eu Superior e fortalecerá sua própria capacidade de compreensão.

De fato, com o seu discernimento crescente, você perceberá cada vez mais o verdadeiro *caráter interior* de todas as ações e infortúnios de seus semelhantes. Isso lhe permitirá ajudar seus semelhantes a partir de uma compreensão verdadeira do que está acontecendo.

Referências

1. Literatura teosófica sobre ‘karma’:
* W.Q. Judge, *The Ocean of Theosophy (O Oceano da Teosofia)*. Várias edições, capítulo XI, ‘Karma’.
* G. de Purucker, *The Esoteric Tradition (A Tradição Esotérica)*, Volume I. 2ª edição. Point Loma, Califórnia, Theosophical University Press, 1940. Capítulos XV e XVI, ‘Webs of Destiny’, [‘As Teias do Destino’] I e II’. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-esoteric-tradition-vol-1-2/>.)
* G. de Purucker, *Esoteric Teachings (Ensinaamentos Esotéricos)*, Volume 8. Deuses, mônadas, átomos de vida. Haia, Países Baixos, Fundação I.S.I.S., capítulo “A doutrina do carma”, p. 101-125; e capítulo “O bem e o mal”, p. 127-146.
* Herman C. Vermeulen, ‘Use-o, ou perca-o’. Artigo em: *Lúcifer – o Portador da Luz*, n.º 3, julho de 2025, pp. 99-103.
* G. de Purucker, *Esoteric hints on cycles (Sugestões esotéricas sobre os ciclos)*. Em: *Studies in Occult Philosophy (Estudos em Filosofia Oculta)* 1ª ed. Covina, Califórnia, The Theosophical University Press, p. 4-15. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>).
2. G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>).
3. Grupo de Estudo, ‘Astrologia: os principais atores cósmicos, parte 2. Artigo em: *Lúcifer – o Portador da Luz*, n.º 4, outubro de 2025, p. 141-149.
4. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Várias edições. ‘Introdução’, p. xlviii-xliv (pág. da edição original em inglês).
5. G. de Purucker, *The Dialogues of G. de Purucker (Os diálogos de G. de Purucker)*, Volume 1. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1948, p. 286-288.

Reflexões fundamentais sobre a astrologia



‘Todo ser cósmico emana uma esfera de influência. Vivemos dentro da esfera de influência dos planetas sagrados e do Sol.’

Na revista *Lúcifer – O Portador da Luz*, foi publicada uma série de cinco artigos sobre os princípios teosóficos da astrologia antiga, que era (e é) uma parte profunda da Teosofia, a Sabedoria Universal.⁽¹⁾ Para ajudar você, leitor, a ter uma visão geral clara, neste artigo apresentamos uma visão de conjunto estruturada das ideias centrais de toda a série.

Para compreender adequadamente a Astrologia, devemos primeiro estudar alguns dos *conceitos básicos* da Teosofia.

- O primeiro conceito básico é a *unidade* de tudo o que existe. Cada ser nessa unidade é uma expressão, uma parte integrante de um Princípio de Vida Sem Limites. Tudo está vivo e é ilimitado em sua essência. Todos os seres estão fundamentalmente interconectados e em constante interação uns com os outros.
- Cada ser é um núcleo de consciência que evolui de maneira *cíclica*, alternando períodos de repouso espiritual (morte) e atividade exterior (durante um período de encarnação).
- Graças à sua interação, TODOS os seres têm a oportunidade de desenvolver continuamente seus potenciais. Isso ocorre *em uma grande cooperação* na qual todos os seres são essencialmente iguais em termos de suas capacidades potenciais de desenvolvimento, e na qual os seres mais altamente desenvolvidos orientam o desenvolvimento dos seres menos desenvolvidos. Essa cooperação pode ser imaginada como uma teia cósmica da vida (veja as três proposições fundamentais na contracapa da revista *Lúcifer*).

A Astrologia Antiga nos ajuda a compreender o funcionamento da totalidade dos atores cósmicos e a natureza de suas influências sobre nós, seres humanos. As chaves teosóficas para compreender melhor a Astrologia tratam, em particular:

Da influência característica que cada ser irradia

- Tudo está vivo. *Por trás de todas as formas externas, a consciência atua* como força orientadora. Assim, galáxias, estrelas, planetas, seres humanos, plantas, átomos e assim por diante são seres vivos.
- Cada ser *irradia um campo de força que carrega seu próprio caráter*, dominado pela ‘nota-chave’ desse ser. Por meio desse campo, ele influencia todos os outros seres na teia da vida, em maior ou menor grau. Seu caráter atual é precisamente aquele que ele desenvolveu e ativou, a partir de suas potencialidades ilimitadas, até o momento. Não há dois seres no cosmos que sejam exatamente iguais.
- Cada ser carrega em si todas as doze características fundamentais da consciência, todas as doze forças cósmicas. Portanto, cada ser possui seu próprio zodíaco de doze signos (no qual uma ou mais características predominam).

Sobre a interação entre seres cósmicos e humanos

- Nós, seres humanos, vivemos e evoluímos dentro do campo de força de um grupo hierárquico de seres cósmicos, cada um dos quais possui sua própria ‘nota-chave’. Até que ponto somos afetados por uma determinada influência cósmica depende de *nossa receptividade específica* a ela. Isso depende de nosso padrão de pensamento (caráter).
- Todo ser humano possui, fundamentalmente, livre arbítrio. Portanto, as *estrelas influenciam, mas não obrigam*. Nós escolhemos se vamos nos alinhar a uma influência cósmica ou não. Por exemplo, durante um dia cheio de turbulências, podemos manter nosso pensamento focado em uma compostura controlada e clara.
- Os ‘atores-chave’ astrológicos importantes para a humanidade terrestre são: o zodíaco celestial, o Ser Solar, os doze planetas sagrados e o ser planetário Terra. Somos atraídos para *suas* esferas porque é exatamente aqui que encontramos os estímulos e o ambiente adequados, que despertam (por meio da ressonância) nosso próprio caráter único. Somente aqui podemos aprender a desenvolver nossos potenciais.
- As forças relativas das influências cósmicas que nos cercam se manifestam em inúmeras proporções possíveis e em constante mudança.

Sobre os fundamentos do mapa astral

- Nosso caminho de vida humano está entrelaçado com a vida e os ciclos desses seres cósmicos. Portanto, renascemos na Terra naquele momento específico em que a posição dos planetas, do Sol e do zodíaco – e, assim, sua influência combinada – corresponde ao nosso próprio caráter.
- Estamos constantemente, por meio dos pensamentos que temos neste momento, desenvolvendo – e, esperamos, enobrecendo – nosso caráter em uma determinada direção. Nosso mapa astral é, portanto, um instantâneo no tempo.

Sobre os fundamentos das previsões

- A lei de causa e efeito (karma) funciona de forma infalível: o que nós, como seres humanos, colhemos como destino, sempre fomos nós mesmos que semeamos por meio dos pensamentos e ações que tivemos e realizamos no passado. Portanto: AGORA podemos semear as sementes para um mundo mais harmonioso; afinal, mais cedo ou mais tarde elas darão frutos.

- O que experimentamos da influência dos ciclos cósmicos depende inteiramente de nossa própria receptividade (criada por nós mesmos) a essas influências cósmicas.
- As previsões são possíveis até certo ponto, pois todos os processos no cosmos vivo têm uma causa e são cíclicos. Eventos e situações sempre retornam ciclicamente, mas sempre com mais ou menos modificações, pois todos os seres crescem em consciência, em maior ou menor grau, por meio de seu livre arbítrio.
- A confiabilidade da astrologia moderna é limitada: em geral, os praticantes estão longe de conhecer todos os ciclos cósmicos e as características mais espirituais dos seres cósmicos e humanos.
- Para a maioria das pessoas, o conhecimento prévio do futuro não é uma vantagem, mas um fardo: moral e psicologicamente.
- É possível utilizar todos os tipos de influências cósmicas (e suas combinações) para o próprio benefício ou para o bem de toda a comunidade. Não existem planetas ou signos ‘bons’ ou ‘ruins’ *por si só*.

Conclusão ética

- A Teosofia explica *que* existem influências celestiais e como elas se manifestam. Nesse contexto, o livre arbítrio do homem é fundamental.
- A forma como a astrologia é aplicada depende inteiramente do egoísmo ou da abnegação da pessoa que a aplica. É possível usar a astrologia para refletir profundamente sobre nossa responsabilidade para com seres mais e menos desenvolvidos.

Referências

Artigos publicados na revista *Lúcifer – o Portador da Luz* de julho de 2025 a julho de 2026:

- ‘Os fundamentos da astrologia. Pistas para entender a astrologia.’ Número 3, julho de 2025, p. 103-110.
- ‘Astrologia: os principais atores cósmicos. Parte 2 da série sobre astrologia.’ Número 4, outubro de 2025, p. 1418-149.
- ‘Sobre a natureza das influências cósmicas. Sobre astrologia, parte 3.’ Número 1, janeiro de 2026, p. 21-30.
- ‘O mapa astral. Fundamentos da astrologia, parte 4.’ Número 1, abril de 2026, p. 62-69.
- ‘A astrologia pode prever o futuro? parte 5.’ Número 2, julho de 2026, p. 95-101.

धर्म

LEIS e leis

Como traduzimos as Leis cósmicas em leis humanas?

Ideais-chave

- » Existe uma unidade ilimitada que está na base de tudo o que existe.
- » As Leis Cósmicas surgem da operação e da interação das consciências e das vontades.
- » A cooperação e a compaixão são padrões característicos de comportamento no Cosmos.
- » Os fundadores das religiões e os sábios ‘traduziram’ as Leis cósmicas em leis humanas.
- » No estado ideal, as Leis cósmicas da cooperação e da compaixão são ‘transformadas’ em leis humanas.
- » A degeneração em uma democracia ocorre quando o país deixa de respeitar suas próprias leis que garantem a igualdade e a justiça.
- » É dever de cada cidadão formar uma visão de um estado ideal, no qual todos possam contribuir.

Em todo o mundo, os governos nem sempre cumprem suas próprias leis. As instituições que criam as leis, ou que as supervisionam, estão até mesmo sendo questionadas. Acordos internacionais também estão sendo violados ou declarados nulos e sem efeito.

As leis humanas revelam-se tudo menos estáveis. Isso contrasta com as Leis do cosmos. Existe uma conexão entre as duas? E chegaríamos a uma legislação melhor, à qual todos naturalmente se submeteriam, se tivéssemos uma consciência mais profunda dessas Leis cósmicas? Então, talvez não precisássemos de leis humanas de forma alguma.

Leis cósmicas e Leis da Natureza

Antes de podermos estudar a relação entre as leis humanas e as Leis cósmicas, devemos primeiro definir o que é uma Lei cósmica. Esse termo não é comumente utilizado na ciência, onde as leis da natureza são bem conhecidas. Estas se referem aos padrões fundamentais e observáveis na natureza, conforme descritos na física e na astronomia. Após repetidas observações e experimentos, descreve-se um padrão matemático básico. Por exemplo, as Leis de Kepler descrevem os movimentos de um corpo celeste em torno de outro. E a Lei de Ohm expressa a relação entre tensão, resistência e corrente. Para a ciência materialista, todas essas leis dizem respeito ao aspecto físico da natureza.

A Teosofia reconhece essas leis físicas. Mas afirma que elas são o resultado de forças conscientes que operam por trás ou dentro delas. Portanto, por trás dessas leis físicas existe uma

causalidade, e essa causalidade é a consciência.

Além disso, a Teosofia reconhece uma série de leis que (ainda) não são reconhecidas pela ciência e que se relacionam não tanto com o mundo externo, mas com o mundo interno ou causal, com o aspecto da natureza que diz respeito à consciência. Poderíamos chamar essas leis de Leis cósmicas. Para dar um exemplo: subjacente a tudo o que existe está uma Unidade essencial. Outra Lei ensina que todo ser consciente evolui rumo à perfeição dentro do reino da natureza ao qual pertence.

Para a maioria das pessoas, essas Leis cósmicas ainda não foram comprovadas, mas, se as tratarmos como hipóteses, ficará claro que elas podem explicar muitos fenômenos.

O que são Leis cósmicas?

É notável que a ciência dedique tão pouca atenção ao que as leis da

natureza realmente são. Elas são expressas em grandezas que podem ser utilizadas para cálculos e previsões. Mas a grande maioria da ciência raramente se pergunta *o que elas realmente são*. Por exemplo, a ciência consegue fazer cálculos perfeitamente bem com a gravidade, mas o que a causa permanece sem resposta.

Como mencionado acima, a Teosofia afirma que há consciência por trás dessas leis. Mas como isso deve ser entendido? Talvez a seguinte analogia possa ajudá-lo a formar uma imagem mental.

Suponha que todas as manhãs, após o café da manhã, você espalhe migalhas de pão em seu jardim. Para os pássaros, esse padrão é uma 'lei'. Se fossem capazes disso, eles poderiam descrevê-lo como uma regra. No entanto, o fato de ser um ser humano quem espalha as migalhas no jardim não aparece nessa descrição.

Amplie esse pensamento e você compreenderá que são *os seres* cujos padrões habituais formam as Leis cósmicas para nós. Elas não são abstrações, nem fenômenos mecânicos; não, são os hábitos dos seres. E como esses seres têm um alcance cósmico, nós os chamamos de seres cósmicos.

As Leis cósmicas surgem, em outras palavras, por meio da operação e interação hierárquicas das consciências e das vontades. Elas se desenrolam ao longo de um período de tempo tão vasto que nos parecem leis imutáveis. Mas não são as próprias leis que agem. Portanto, não é a lei da gravidade que atrai os planetas uns para os outros. São as consciências vivas que atuam dentro ou por trás dos planetas que são atraídas umas pelas outras. Podemos descrever esse padrão e chamar essa descrição de lei.⁽¹⁾

Nesse aspecto, não há diferença entre as leis cósmicas e as humanas, pois estas últimas também surgem por meio da interação das consciências e vontades humanas em um determinado âmbito.

Unidade, cooperação, compromisso e compaixão

O universo ainda não nos revelou todos os seus segredos, mas o que sabemos é que a ordem e a regularidade prevalecem. De onde vem essa ordem? A Teosofia oferece uma resposta clara a essa pergunta.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que a base da diversidade dos seres cósmicos – na verdade, de tudo o que existe – é uma Unidade Ilimitada. Com base nisso, é verdade para todo Cosmos que seus alicerces são formados pela cooperação, pelo envolvimento no bem-estar de todos e por 'ser parte integrante do Todo maior'.

Seres mais avançados que os humanos compreendem plenamente essa unidade – muito mais do que até mesmo o ser humano mais nobre é capaz – e sempre agem de acordo com ela em suas vidas. Eles são continuamente motivados pela compaixão. Expressam compaixão constantemente e estão a serviço de tudo o que vive. A consciência de fazer parte de um todo maior tornou-se o tom fundamental de sua consciência.

Os seres mais altamente evoluídos de um Cosmos criam a atmosfera abrangente na qual todos os seres inferiores vivem. Essa atmosfera, ou campo de força, necessariamente reflete o caráter de sua própria consciência e é, portanto, uma expressão de um senso de unidade. Todos os seres menos evoluídos expressam essa essência à sua maneira e dentro de seu estágio de evolução e, portanto, sempre de forma limitada.

Nós, seres humanos, experimentamos essa influência abrangente dos seres cósmicos como a ordem, a regularidade e as leis que podemos encontrar e investigar na natureza externa. Uma ordem que se reflete em cada ser à sua maneira. As Leis cósmicas são, portanto, o resultado da interação de todos os seres, sendo que os padrões gerais são sempre estabelecidos pelos seres mais elevados.

É, portanto, a cooperação entre esses seres cósmicos que experimentamos em nosso mundo como leis naturais ou Leis cósmicas. Essas Leis são, portanto, os costumes estabelecidos dos deuses.⁽²⁾

Leis éticas

As leis são, portanto, os padrões habituais dos seres. Nossas leis humanas não são, portanto, meramente o resultado de parlamentos, governos, reis ou autocratas eleitos democraticamente ou nomeados de outra forma, nem de qualquer outro legislador. As ideias governam o mundo, disse Platão. E as ideias levam às ações. É, portanto, o padrão de ideias de um povo que, em última instância, determina as leis desse povo. Algumas dessas leis estão escritas, outras não.

Ora, toda nação, ou toda civilização, tem seus pioneiros. São aquelas pessoas intuitivas que têm uma compreensão melhor de como um país pode ser governado da melhor maneira possível. Na Holanda, entre eles estava, por exemplo, Hugo Grotius (1583–1643), que lançou as bases do direito internacional moderno e defendeu o livre acesso aos mares. Os Pais Fundadores dos Estados Unidos formularam a Constituição dos EUA no final do século XVIII. Os redatores da Declaração Universal dos Direitos Humanos também podem ser considerados parte desse grupo.

Mas, na verdade, todo cidadão deve estar plenamente



A Constituição dos Estados Unidos da América.

ciente de que seus padrões habituais – seu caráter – contribuem para determinar quais padrões habituais (leis) existem em um país. Se os cidadãos de um país tiverem em mente os melhores interesses de sua nação, seria um desafio inspirador para eles imaginar uma cooperação cósmica. Eles poderiam, por assim dizer, moldar seu próprio ideal a partir dela. Isso significa que eles vislumbram uma sociedade na qual as diferenças de forma alguma prejudiquem a igualdade de todas as pessoas – ou mesmo a dos animais e das plantas. É claro que existem, de fato, diferenças nos níveis de desenvolvimento. Mesmo no universo, há seres em incontáveis estágios de evolução, alguns mais avançados do que outros. É precisamente graças a essa diversidade de formas de vida que uma sociedade harmoniosa pode ser construída.

Não é preciso dizer que os mais desenvolvidos – aqueles que compreendem melhor as Leis cósmicas – são mais capazes de estabelecer as diretrizes para uma sociedade. Não se trata necessariamente das pessoas mais intelectuais, mas sim daquelas cuja consciência é eticamente mais desenvolvida e que, com base nessa consciência ética, compreendem melhor as conexões entre todas as pessoas, entre o passado, o presente e o futuro, e aquelas entre seu próprio povo e outras nações. Em resumo, são os líderes de um país que levam em conta o bem comum de *toda* a vida e, a partir dessa perspectiva compassiva, moldam leis universais em nível humano.

Legisladores Divinos

Alguns desses líderes éticos realmente fizeram isso. Refiro-me aos Sábios e Videntes, aos fundadores das religiões universais ou aos grandes filósofos. Eles destilaram para nós algumas regras a partir das Leis cósmicas, que constituem uma implementação humana mais ou menos adequada dessas Leis. Às vezes, chegam até a chamar essas regras de ‘leis’.

Pelo que sabemos, o ‘código de leis’ mais antigo tem origem na Índia. Trata-se do *Manava-dharma-sastra*, geral-

mente traduzido como *As Leis de Manu*. Diz-se que Manu, ‘o progenitor da humanidade’, recebeu essas regras do deus Brahma; ele as resumiu e as transmitiu ao sábio Narada, que as registrou por escrito. Na tradição hindu, essas Leis são, portanto, consideradas de origem divina. São de antiguidade insondável.

No entanto, não estamos lidando aqui meramente com um código de leis no sentido moderno da palavra. Em doze capítulos, são descritas a origem e o destino da humanidade e do cosmos. Por exemplo, o primeiro capítulo aborda a criação do cosmos. A partir dessa descrição cósmica, derivam-se vários deveres, tais como aqueles relativos ao casamento, à alimentação e às responsabilidades dos reis. O capítulo final trata da libertação. As leis são diretrizes para os deveres de cada cidadão, que levarão não apenas a uma sociedade harmoniosa, mas, em última instância, à libertação da humanidade.

Também em outras religiões, a origem das leis é atribuída ao divino. As Leis de Moisés, que abrangem mais do que apenas os Dez Mandamentos, são um exemplo claro disso. Diz-se também que a Sharia, no Islã, contém leis que não foram criadas por seres humanos.

Em todos esses três exemplos, uma clara degeneração se instalou ao longo dos anos. Por exemplo, as Leis de Manu contêm várias interpolações evidentes – acréscimos posteriores. Além disso, essas leis religiosas são frequentemente vistas como mera teoria, sem qualquer valor prático. O sexto dos Dez Mandamentos – ‘Não matarás’ – não passa hoje em dia de um tigre de papel. No entanto, as histórias religiosas em torno dessas leis nos dizem que elas têm origem divina.

Apesar do processo de degeneração, ao qual todas as religiões estão sujeitas, os princípios éticos são claramente evidentes. O *Sermão da Montanha* no cristianismo, o *Bhagavad-Gītā* no hinduísmo, o *Caminho Óctuplo* no budismo, muitos *hadiths* no islamismo e inúmeros outros textos religiosos demonstram inequivocamente que a abnegação e a compaixão são os tons fundamentais do Universo e, portanto, também devem ser os da nossa sociedade humana.

Leis como educação

As Leis cósmicas devem servir de exemplo inspirador na formação de um estado. Portanto, a grande tarefa dos formuladores de políticas é criar leis que reflitam as Leis cósmicas da forma mais fiel possível. Se a harmonia no cosmos surge porque *todos* os seres cósmicos podem contribuir com seu próprio caráter em benefício do todo,

então deve-se conceber uma sociedade na qual cada ser humano tenha a possibilidade de contribuir com seus talentos individuais e cumprir seus deveres para com seu país — ou, em um contexto mais universal: para com o mundo. As leis devem ser criadas com base em um senso de interconexão.

Nesse contexto, é interessante que Platão derive a palavra grega *nomos* (lei) do grego *nous*.⁽³⁾ *Nous* é geralmente traduzido como ‘razão’. Na Teosofia, poder-se-ia chamá-lo de Manas Superior (Manas iluminado por Buddhi). Em outras palavras, o pensamento iluminado pelo espírito. Para Platão, as leis têm uma forte função educacional. As leis devem orientar a vida de todos os cidadãos, do nascimento à morte. Não é por acaso que, em sua obra-prima, *A República*, o filósofo grego dedique a maior atenção à educação dos Guardiões, os responsáveis pela aplicação da lei. Ele enfatiza a responsabilidade das pessoas acima de tudo.

Dharma

Essa responsabilidade individual se reflete fortemente na palavra *dharma*. Dharma significa ‘lei’. É derivada da raiz sânscrita *dhri*, que significa ‘apoiar’. A lei apoia ou sustenta a sociedade. Mas a lei não é uma abstração. Pelo contrário, dharma refere-se ao dever individual de todos os que pertencem à sociedade. É por isso que, na literatura budista, os seres são às vezes chamados *de dharmas*. Esse dever específico varia de pessoa para pessoa, dependendo inteiramente do caráter de cada um, do nível de desenvolvimento e de nossos laços kármicos. No entanto, é dever de todos dar sua própria contribuição ao todo do qual fazem parte, para que o todo funcione harmoniosamente.

Uma sociedade harmoniosa surge quando cada indivíduo está atento ao princípio cósmico da cooperação. E isso requer, no mínimo, algum senso de interconectividade com os demais seres humanos.

Violação da Lei e da Consciência

Pelo que delineamos acima, parece que, em uma situação ideal, as leis são o melhor reflexo possível das Leis cósmicas. Mas se essas leis humanas se desviam significativamente da ideia original de unidade e cooperação, ainda assim devemos cumpri-las? Elas se originaram da interação mental das pessoas, que juntas criaram um padrão nacional de costumes. Mas será que elas são inspiradas pelos precursores morais? As leis de um país são, a qualquer momento, a melhor expressão do que um povo compreendeu dessas leis universais, mas isso não exclui a possibilidade de que possam ser repreensíveis.

Cabe ao próprio cidadão decidir se deve aceitar leis injustas ou se opor a elas. Em ambos os casos, haverá consequências kármicas. Cada um deve fazer seu próprio julgamento a esse respeito.

Sócrates foi tão longe no respeito à lei ateniense que se recusou a fugir após ser condenado a beber o cálice de veneno, pois isso seria agir contra a lei. Ele explicou que, ao viver toda a sua vida em Atenas e compartilhar todos os benefícios e deveres com os demais atenienses, ele havia, assim, em princípio, dito ‘sim’ às leis atenienses. Afinal, durante sua vida, ele poderia ter se mudado para outra cidade se acreditasse que as leis seriam melhores lá.⁽⁴⁾

É claro que isso não significa que as leis não possam ou não devam mudar. Se uma nova lei refletir melhor a Lei cósmica, isso é, naturalmente, bem-vindo. Mas, enquanto houver leis injustas, você deve determinar sua atitude em relação a elas com base em suas próprias percepções.

Nesse sentido, é bom perceber que existe uma ‘lei individual’ que está acima de qualquer lei nacional. Essa lei é a sua consciência. Sua consciência é o conhecimento ético acumulado em vidas passadas. Assim, é possível que, quando leis injustas forem promulgadas em um país — leis que, por exemplo, neguem direitos às pessoas ou as persigam por causa de sua fé — sua consciência o alerte para não obedecer a essas leis. Você estará, então, *infringindo* a lei do seu país. Isso implica que, de uma perspectiva kármica, tal atitude pode levar a atritos no futuro próximo ou distante, os quais você terá de enfrentar. De qualquer forma, você nunca pode justificar um comportamento antiético invocando leis antiéticas do país.

O governo não cumpre suas próprias leis

É claro que não é apenas o cidadão individual que deve respeitar a lei; é também dever do governo de um país. Um país democrático que não cumpre suas próprias leis está, em última instância, condenado e degenerará em uma forma de ditadura.

Infelizmente, devemos reconhecer que há vários países cujos governos prestam pouca ou nenhuma atenção ao que foi estabelecido democraticamente. As instituições que criam as leis, ou que as supervisionam, estão sendo questionadas. Um exemplo: todos os países europeus assinaram e ratificaram a Convenção de Genebra de 1951 sobre Refugiados, o que significa que se comprometeram legalmente com as obrigações dessa convenção. Na prática, porém, não há absolutamente nenhuma garantia de cumprimento integral por parte de todos os países.

Seria de se esperar que, em um país democrático, soassem

sinos de alarme se os políticos descobrissem que o Estado não está cumprindo suas próprias leis. Para alguns políticos, esse é de fato o caso, mas outros fecham os olhos e fingem que nada está errado. Há ainda políticos que acreditam que devemos abolir as instituições que revisam as leis. Outros políticos questionam nosso sistema jurídico como um todo. Não é preciso dizer que a elaboração de leis é uma questão delicada que exige consideração cuidadosa e não pode ser apressada. No entanto, vemos, nos EUA, por exemplo, que regras e leis são promulgadas por decretos presidenciais. À medida que as leis passam a ser elaboradas de forma mais descuidada e deixam de servir ao bem comum, a população de um país se torna mais rebelde e se recusa a aceitar qualquer lei.

A insatisfação também surge porque o poder legislativo não é respeitado. Há uma resistência às leis promulgadas pela União Europeia. Essas leis são retratadas como se fossem impostas por terceiros, ignorando-se o fato de que o próprio povo elegeu o Parlamento Europeu.

Decisões da maioria e direitos das minorias

São principalmente os populistas que criticam os legisladores e buscam minar as políticas públicas. Frequentemente, eles identificam um inimigo – geralmente imigrantes ou refugiados – e acusam aqueles que estão no poder de negligenciar ou até mesmo trair seus próprios compatriotas. Eles justificam suas ações alegando que é isso que a maioria da população deseja. Resta saber se a maioria realmente deseja isso.

Mas, além disso: em um país democrático, as políticas são de fato determinadas pelo voto da maioria, mas também existem regras fundamentais consagradas na Constituição de um país. Portanto, as minorias devem sempre ser levadas em consideração. São precisamente os freios e contrapesos – como a imprensa, o Poder Judiciário e outras instituições – que podem ajudar a ajustar as políticas públicas. Uma democracia na qual ‘metade mais um’ detém o poder absoluto pode ser o prelúdio para um país onde uma elite ou um ditador detém o poder. Nesse contexto, o escritor holandês Ilja Leonard Pfeijffer fala de uma ‘democracia absoluta’, na qual, no caso da Holanda, 76 homens e mulheres na Câmara dos Deputados determinam o que acontece no país, sem levar em conta o que os outros 74 membros do parlamento pensam ou querem, muito menos o que os grupos minoritários do país desejam.⁽⁵⁾ Como resultado, as vozes dissidentes são silenciadas. Há ataques à imprensa, ao judiciário, às instituições, e a democracia degenera lentamente.

Se um país deseja imitar a harmonia do Cosmos, haveria sequer qualquer discussão sobre maiorias e minorias? Não se trata, na verdade, do todo? Não deveríamos, portanto, nunca excluir nenhum grupo ou partido? Pessoas bem-intencionadas, que deixam de lado seus próprios interesses e dogmas, podem, sem dúvida, chegar a um consenso, mesmo que isso possa levar muito tempo.

A democracia leva à ditadura?

Infelizmente, o fim iminente da democracia está ocorrendo em muitos países. Nos Estados Unidos, esse processo já está bem avançado. Além disso, o atual regime daquele país busca anular praticamente todos os acordos internacionais e está se empenhando por um mundo sem lei. A Corte Internacional de Justiça, em Haia, não está sendo reconhecida, e os juízes que lá trabalham foram incluídos em uma lista de sanções.

Segundo Platão, esse é o destino da democracia. As pessoas que vivem em uma democracia ‘já não se importam com nenhuma lei, escrita ou não escrita, desde que não tenham nada nem ninguém acima delas’.⁽⁶⁾ A pessoa ‘democrática’ coloca sua própria liberdade, sua própria prosperidade e suas próprias opiniões acima de tudo o mais, mesmo que isso ocorra às custas dos outros. Inicialmente, tudo começa com o que Pfeijffer chama de democracia absoluta: a ditadura da maioria. Logo ficará evidente, porém, que mesmo dentro dessa ‘maioria’ existem interesses conflitantes, pois todos valorizam sua própria liberdade, prosperidade e opinião mais do que as dos outros. Toda lei é vista como uma restrição à liberdade e deve ser abolida. O caos que se segue só poderia então ser resolvido por um ‘homem-forte’. E voilà, nasce uma ditadura.

A mentalidade do povo

Ora, uma democracia não precisa necessariamente degenerar em ditadura. Platão, também, em sua última grande obra, *As Leis*, traça um quadro um pouco mais otimista da democracia. Embora um estado liderado por um governante sábio seja a melhor forma de governo, também há algo de positivo em uma forma híbrida de democracia e aristocracia. Um líder sábio sempre ouvirá a voz do povo e incorporará os desejos e as preocupações da população em suas políticas. Na verdade, tudo depende da mentalidade do povo. A qualidade de uma sociedade depende dos padrões de pensamento das pessoas que fazem parte dela. Além do senso de responsabilidade e justiça, e da vontade de cooperar, também é necessária sabedoria. E não seria sábio recorrer às Leis cósmicas ao moldar a sociedade humana?

Esse é o grande desafio para os políticos em países democráticos. Explicar como é a sociedade ideal. Lembrar as pessoas de suas responsabilidades. Incentivá-las a viver seu dharma; a cumprir seu dever para com a sociedade. Não bajular o povo. Não tentar conquistar poder prometendo ganhos pessoais ou atribuindo a culpa pela miséria de um país a outros. Não apontar constantemente o que os outros estão fazendo de errado aos seus olhos.

Políticos sábios são educadores. Eles traçam um quadro universal e, com honestidade e raciocínio idealista, defendem uma sociedade justa. É claro que o povo também tem o dever de defender a justiça, de se comprometer com o bem comum e de respeitar a lei.

Seguindo Platão e Aristóteles, inúmeros escritores europeus e islâmicos descreveram sua forma ideal de governo.⁽⁷⁾

Mas, seja qual for a forma de governo que você tenha, ela só funciona de maneira ideal se inspirar todas as pessoas a

viverem pelo todo do qual fazem parte. Esperamos ter deixado claro que isso se aplica não apenas aos formuladores de políticas ou políticos. Devemos ajudar e inspirar uns aos outros nesse sentido.

Referências

1. Para mais informações sobre as chamadas leis da natureza, consulte: Gottfried de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, p. 172.
2. Ver ref. 1, p. 110.
3. Platão, *As Leis*, IV. 714a e XII. 957c.
4. Platão, *Crito*.
5. Ilja Leonard Pfeijffer no programa Buitenhof (TV holandesa). <https://www.youtube.com/watch?v=vFp5KmF9uS4>.
6. Platão, *A República*, Livro VIII, várias traduções.
7. Por exemplo, Abu Nasr Al-Farabi no mundo islâmico; Thomas Mann, Maquiavel, Hugo Grotius e Espinosa na Europa.

Perguntas e respostas

Como se cultiva as qualidades nobres em uma criança?

Como se reconhece a influência das faculdades e características imortais em uma criança, e como se pode responder a elas de maneira adequada?

Resposta

Antes de abordarmos essas questões diretamente, vamos primeiro apresentar uma visão geral do propósito da educação. Todo ser humano – na verdade, toda criatura – é a expressão de um centro de consciência. Graças às experiências pelas quais passam vida após vida, recebem oportunidades de manifestar cada vez mais seu potencial ilimitado. O que, então, sob essa perspectiva, é uma criança? É um ser humano com um ‘histórico muito longo’, que já viveu muitas vidas nas quais desenvolveu parcialmente uma série de habilidades nos domínios espiritual, mental, emocional e físico. Como criança, ela

está agora iniciando sua encarnação atual. Durante a infância – até o início da vida adulta – ela desperta as capacidades, inclinações e aspirações que possuía no momento de sua morte na encarnação anterior. Em uma palavra, poderíamos chamar isso de caráter. É por isso que irmãos ou irmãs, mesmo no caso de gêmeos, podem ter um caráter muito diferente, pois sempre trazem consigo o que são. Eles voltam a ser eles mesmos, estimulados, é claro, pelo ambiente, pelos pais e por todas as outras pessoas ao seu redor. Um ambiente para o qual são atraídos, karmicamente, justamente porque esse ambiente possui exatamente as características que correspondem às suas próprias. É tarefa de todas as pessoas ‘ao redor da criança’ despertar suas habilidades latentes, criando um ambiente adequado no qual a criança possa descobrir e desenvolver essas habilidades. E tudo isso da maneira mais harmoniosa possível, o que significa: de tal forma que

a criança aprenda a controlar seus aspectos mais egocêntricos e instintivos (desejos, sentimentos). E sem negligenciar nenhum aspecto do ser humano. Uma vez que a criança tenha atingido a idade adulta, e todas as suas faculdades estejam novamente em pleno funcionamento, ela poderá começar a expandir, de forma consciente e independente, sua compreensão e suas habilidades a cada ano.

O maior desafio, de uma perspectiva teosófica, é ajudar a criança a descobrir sua própria natureza imortal – seu âmago altruísta, prestativo, atencioso e gentil – para que ela aprenda a permitir que essa parte imortal assuma a liderança sobre seus aspectos mais egocêntricos, gananciosos ou indisciplinados. Ao fazer isso, você proporciona à criança uma experiência que lhe permite superar os aspectos difíceis de toda a sua vida futura com compreensão, coragem e independência. Como podemos reconhecer a influência da parte espiritual e

imperecível de uma criança, se ela estiver presente? Pois ela pode se manifestar de inúmeras formas e, às vezes, está profundamente oculta.

Só podemos fazê-lo se nós, como pais e cuidadores, também tivermos desenvolvido essas mesmas qualidades im pessoais em nós mesmos. Devemos primeiro estar de certa forma familiarizados com elas, em maior ou menor grau, para podermos reconhecê-las em outra pessoa. Pois somente assim você poderá sintonizar seu pensamento com a ‘frequência’ dessas características mais nobres e reconhecê-las na outra pessoa quando estiverem em ação (disfarçadas de todas as formas possíveis). Aqui estão alguns exemplos. Crianças pequenas às vezes fazem perguntas muito intuitivas aos adultos sobre a vida; algo que muitas vezes deixam de fazer à medida que ficam um pouco mais velhas. A razão é a seguinte: as características pessoais do pensamento de uma pessoa – e com isso nos referimos aos seus padrões de pensamento voltados para o exterior (incluindo ‘o que os outros vão pensar de mim’, ‘quero ter um desempenho melhor do que os outros’, juntamente com todos os tipos de outros padrões de pensamento limitantes) – aumentam *gradualmente* durante a infância. Elas só se manifestam plenamente após um certo número de anos. É por isso que o pensamento da criança mais nova costuma estar mais aberto a ideias intuitivas. Qualquer pessoa que tente perceber as conexões mais profundas entre as coisas reconhece os momentos em que crianças pequenas fazem uma pergunta intuitiva. São perguntas como: o que acontece quando morremos; de onde viemos? Aqueles que estão em sintonia com isso reconhecem as oportunidades de ouro que surgem para estimular ainda mais esse aspecto superior e perspicaz da criança.

E como fazer isso? Certamente não dando algum tipo de resposta ‘definitiva’ ou ignorando a pergunta. Isso não incentiva a criança a pensar por si mesma e a recorrer à sabedoria de suas vidas passadas, e é provável que você esteja orientando a criança de maneira dogmática. Não, após tal pergunta, você dá uma dica ou faz uma contrapergunta relacionada para que a criança possa refletir mais a respeito. Aponte ‘uma direção’. Por exemplo, sabemos de alguém com formação teosófica a quem uma criança perguntou: ‘De onde eu venho?’, e que respondeu: ‘De uma vida passada’, sem fornecer mais detalhes. Isso deixa à criança ampla margem para construir sua própria imagem do que ‘essa vida anterior’ poderia ser.

Algo que é muito valioso ao longo de toda a infância é *fornecer estímulos*. Por exemplo, leve a criança ao observatório, a museus, à biblioteca, à natureza; considere também aulas de música ou teatro. Mencionaremos mais alguns exemplos das diversas expressões do núcleo imortal e altruísta da criança. Crianças pequenas tentam imitar o que seus pais fazem e, muitas vezes, querem ‘ajudar’ espontaneamente. Isso é uma expressão de um senso de comunidade. E, quando a mesa está sendo posta, essa criança pequena também pode tentar pegar um prato. Tenha cuidado para não reagir com o reflexo: ‘Ah, deixe comigo; você provavelmente vai deixar cair’... porque, assim, você estará privando a criança de uma oportunidade.

Crianças entre seis e doze anos costumam ter um impulso interior de adquirir mais conhecimento sobre o mundo. Durante esse período, elas frequentemente desenvolvem hobbies especiais. Ao mesmo tempo, querem descobrir a *lógica* das coisas, como evidenciado pelas muitas perguntas ‘por

que’. Isso também é uma expressão suprapessoal. Aqui, também, você pode responder de forma a incentivar a criança a desenvolver seu próprio potencial lógico. Se ela tiver uma pergunta, você poderia dizer, por exemplo: ‘Boa pergunta, que tal descobrirmos isso juntos nos próximos dias?’ E então você vai com ela à biblioteca ou sai para a natureza, em busca de mais conhecimento.

Como exemplo final, destacamos a fase da adolescência. Cada adolescente é diferente – pois construiu um caráter único em suas encarnações anteriores – mas, para a maioria deles, é verdade que agora preferem seguir suas próprias ideias independentes (‘experimentar’) em vez de aceitar o que os adultos dizem. Eles adquirem experiências em todos os tipos de grupos juvenis e se perguntam em que tipo de mundo estão realmente entrando. Eles se perguntam se esse mundo é melhor. Daí sua resistência – por mais desenfreada que seja – às ‘autoridades’. É uma expressão do despertar de seu idealismo: as coisas podem e devem ser muito melhores.

Eles se juntam ao *Greenpeace* ou se dedicam inteiramente à música. Os pais têm apenas influência limitada, embora seja essencial que estejam sempre presentes para o adolescente. No entanto, os pais podem reconhecer essas centelhas de idealismo e, por assim dizer, incentivar o espírito essencial deles sem ter que concordar cegamente com suas manifestações imprudentes. Pois mesmo nessa fase da vida, pode ser importante estabelecer certos limites que ofereçam ao jovem um certo grau de proteção. Apresentamos esses exemplos para mostrar que vocês podem ajudar a criança a ‘desdobrar’ seu próprio acervo de sabedoria em todas as fases da vida.

Agenda

Simpósio em Lisboa **Quatro ideias para melhorar o mundo**

11 de outubro 2026

Turim Hotel, Avenida 5 de Outubro 160, 1050-062

A entrada é gratuita



É a segunda vez que a Sociedade Teosófica de Point Loma organiza um simpósio em Lisboa. A reação ao primeiro simpósio foi muito positiva e muitos pediram-nos para organizar outro este ano. Temos todo o prazer em atender a esse pedido. Por isso, convidamos toda a gente para o simpósio 'Quatro Ideias para Melhorar o Mundo'.

Durante os workshops, haverá ampla oportunidade para trocar ideias entre todos. Na nossa mesa de livros, estão disponíveis vários livros teosóficos em português, bem como vários exemplares da edição portuguesa da nossa revista *Lúcifer, o Portador da Luz*. Poderá também obter todas as informações sobre o nosso curso 'Sabedoria Universal', que terá início no outono.

Se você quer garantir sua vaga, inscreva-se através do seguinte endereço de e-mail: info@blavatskyhouse.org

Também pode entrar em contato connosco através deste endereço de e-mail se tiver alguma dúvida ou quiser mais informações.

Programa

- 10:00 Quatro ideias para compreender o mundo.
- 10:45 Intervalo
- 11:00 Quatro ideias para compreender a si mesmo.
- 11:45 Workshop
- 12:45 Intervalo para almoço
- 13:45 Quatro ideias para melhorar o mundo.
- 14:30 Intervalo
- 14:45 Workshop
- 16:00 Bate-papo informal

International Theosophy Conferences (ITC)

23 a 26 de Julho 2026

Honrando a verdade pela prática - Vivendo a Vida Teosófica

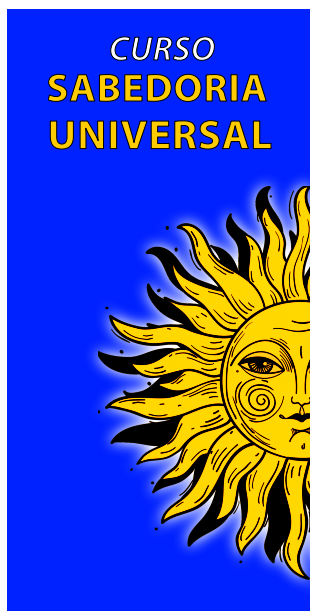
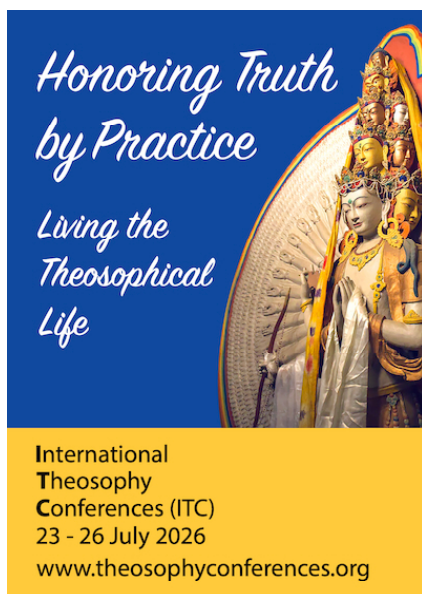
Também este ano, a *Conferência Internacional de Teosofia* (ITC) será realizada via Zoom.

Como tem sido habitual nos últimos anos, a conferência será realizada em três idiomas: inglês, espanhol e português.

Programa, com palestras diárias, oficinas e sessões plenárias:

- Dia 1, 23 de julho: Vivendo a Vida
- Dia 2, 24 de julho: Ouvindo a Canção da Sabedoria – *A Voz do Silêncio*, Fragmento Um
- Dia 3, 25 de julho: Escolhendo a Unidade – *A Voz do Silêncio*, Fragmento Dois
- Dia 4, 26 de julho: Compaixão: a Lei das Leis – *A Voz do Silêncio*, Fragmento Três

Para inscrições e mais informações, acesse:
<https://www.theosophyconferences.org/pt/>



Curso Sabedoria Universal Início em outubro de 2026

Este curso é baseado na Sabedoria Universal. Todos podem conhecer essa sabedoria. Essa sabedoria não é nova; ela é o cerne de todos os grandes sistemas religiosos, filosóficos e científicos.

Ela explica a vida, os processos da natureza e fornece respostas para todas as perguntas da vida. Essa sabedoria tem vários nomes, como Filosofia Esotérica, Chochmah, Prajñāpāramitā, Gupta-Vidyā e Gnoses. Usamos o nome Theosophia.

Neste curso, daremos a você instruções sobre como conhecer essa sabedoria. Isso começa com você mesmo, com a revelação de seu próprio pensamento. Por meio de pesquisas independentes sobre a Sabedoria Universal e do intercâmbio com outros participantes do curso, as ideias se tornarão mais claras. Assim, você construirá gradualmente uma filosofia de vida, que lhe permitirá resolver todas as questões da vida e, assim, contribuir para um mundo mais harmonioso.

O curso será ministrado pelo Zoom.

Para mais informações e inscrições, envie um e-mail para info@blavatskyhouse.org

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.º número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrônica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

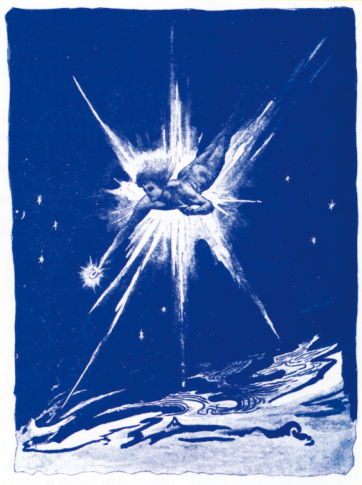
O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton .
.. Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).